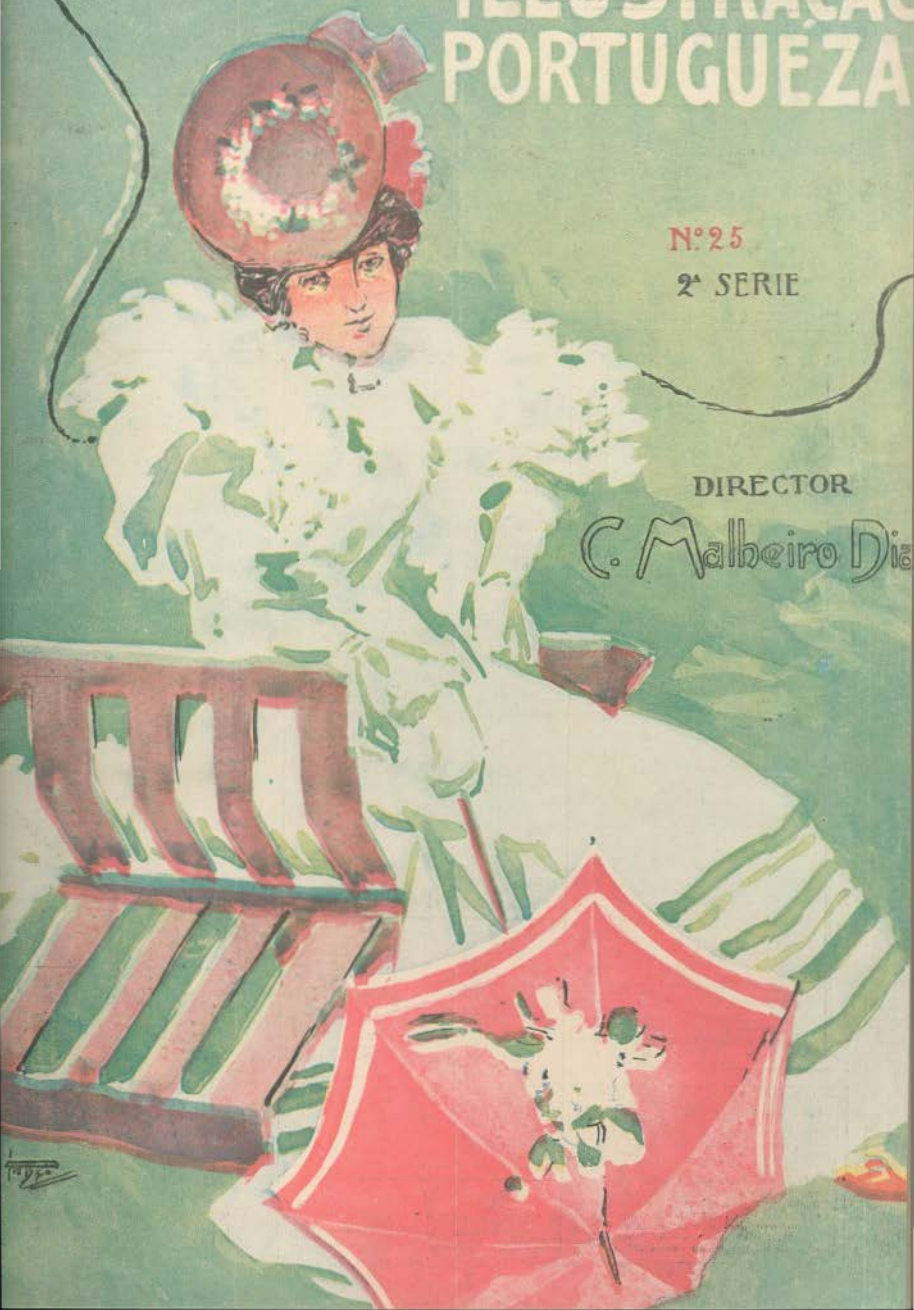
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Nº 25
2ª SERIE
DIRECTOR
C. Malheiro Dias

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Lisboa durante o terremoto — (Gravura da epoca)

O TERREMOTO DE LISBOA

Foi no dia primeiro de novembro, festa de Todos os Santos, dia de guarda em que as egrejas se pejavam de gente. Estava um sol claro, e um vento leve do nordeste encrespava as bandeiras nos coruchéus das fortalezas. Logo de manhã encheram-se os templos, vieram para as ruas as sécias nas suas cadeirinhas, prostraram-se os devotos diante dos altares onde brilhavam milhares de velas. Os sinos badalavam nos cem conventos da cidade e nos trezentos campanarios de Lisboa, desde os das ermidas ao da cathedral maior, a Patriarchal, enchendo os ares d'um convite alegre para a festa magna, toda d'opulencia e religião. O thermometro apontava 14 graus Reaumur, fazia um calor demasiado para aquelle outomno que ia secco.

As nove e meia da manhã, quando litaniavam as vozes dos padres, quando resplandeciam no brilho das luzes as vestes bordadas a ouro e todos se compunham em frente das imagens revestidas de joias, sentiu-se um primeiro abalo; parecia que a terra balanceava do norte para o sul, que as paredes dançavam, para cahirem extenuadas do esforço no tremor rijo que durou dois minutos. Nos altares os santos rolavam, os castiçaes abatiam, lançando fogo ás tapeçarias, os tocheiros tombavam, fendiam-se as paredes, os tectos abriam largas brechas e já soterravam gente nos seus escombros. As casas estremeciam, soava uma grita confusa, appareciam pessoas pallidas, n'uma allucinação, arrastavam-se feridos e as chammas subiam no circuito vasto d'uma legua. O sol escurecia; toldava-se pela nuvem grossa e continua de poeira que se gerava nas ruinas fumegantes. As exclamações de medo, as preces, os berros de colera concertavam-se com o estrepito das casas em derrocada. Eram como trovões ribombando ao largo essas detonações; dos escombros sahiam corpos, mostravam-se cadaveres, surdiam braços dos montões de pedras, cabeças decepadas espreitavam, entaladas nas ruinas, e nas ruas atulhadas, por sobre os restos da cidade, galgavam açodados os vultos, a contorcerem as mãos, ouviam-se supplicas, faziam-se correrias; mulheres semi-nuas aconchegavam com furia creanças aos peitos suffocados, os olhos dilatados, as boccas escancaradas, pedindo soccorro áquella turba negra, espantada como um bando selvagem, que corria picada pelo terror em todas as direcções.

Appareciam mulheres, ainda toucadas para a festa, clamando nas janellas vacillantes onde ninguem sonhava ir buscal-as; nos conventos as freiras pediam piedade ao céu e buscavam sahir d'entre essas molles immensas que as emclausuravam; outras jaziam mortas na derrocada; os vasos sagrados rolavam para o fundo dos abysmos; desgraçados havia que se abraçavam ás imagens e crispavam as unhas com ancia nos braços raros que se estendiam para os salvar. Reboava sempre de longe o mesmo estridor; o Tejo rugia com furia, recuava as aguas que iam em serras altas e negras despenhar-se sobre as povoações da margem, e deixava vêr o fundo do seu leito na borda da banda de Lisboa; embrulhavam-se as ondas n'uma galopada phantastica e cahindo depois doidamente na orla da cidade arrastavam os animaes e as pessoas, as casas vizinhas e os materiaes que esperavam embarque, esfrangalhavam tudo aquillo n'uma furia devastadora emquanto as religiosas desfalleciam a chorar, clamando que era tudo um grande castigo de Deus. De pé nos telhados, para onde haviam fugido na confusão do medo, havia creaturas que endoideciam e gritavam.

Corriam as turbas desvairadas ao acaso, de bairro para bairro como um rebanho diante de um incendio voraz. Estrallejavam as madeiras, entrechocavam-se alvenarias, as casas escancaravam as paredes mostrando os interiores como n'um desvendamento de mysterios, as lojas soterravam os mantimentos, crescia pouco a pouco a onda humana que brotava de todos os lados ululando, n'um desvairamento.

As portas das cadeias rasgavam-se, e sahiam os assassinos, vinham os facinoras, surgiam outros homens de má condição de todos os lados, os velhacoutos abatiam e elles passavam para o tumulto como feras sahidas dos fojos n'uma larga ancia de chacina. Já se arrancavam as joias dos pescoços das mulheres, rasgavam-se lobulos d'orelhas para se roubarem brincos, homens bebados de luxuria, com as mãos negras de remexer os destroços, á cata d'ouro, agarravam virgens que buscavam violentar no fundo dos escombros.

A gritaria era então augmentada á medida que

se via o incendio lavrar como uma crista larga e devastadora desde S. Paulo até ao Bairo Alto n'um circulo de legua e meia.

A egreja de S. Paulo abatera; voara na furia das chammas o bairro dos Remolares. Os moradores do sitio mal se atreviam a salvar os seus haveres, mas ainda assim alguns entravam nas moradas que eram fornalhas, buscando trazer o que tinham de mais precioso; outros corriam para as bandas do Corte Real e do Paço da Ribeira, onde se fez depois o Terreiro do Paço, e assaltavam aquellas moradias regias para se apossarem dos haveres perdidos. Mas já o incendio lavrava por lá tambem, consumindo a bibliotheca magnifica dos reis, soterrando nas abobadas da Patriarchal toda a riqueza agglomerada por D. João V, acabando com os mobiliarios ostentosos da côrte que fôra nas vesperas para Belem e assim se salvára d'esse cataclysmo que tornava Lisboa uma cidade maldita. D'ali galgavam as chammas á Ribeira das Naus, devastavam as especiarias e as madeiras ricas da Casa da India e da Alfandega, lambiam, em horas, magnificencias de seculos e thesouros que já não se refaziam; passavam á Ribeira da Cidade e d'ali ao Caes de Santarem até ao chafariz d'El-rei. Via-se então o incendio alastrar, as chammas treparem, avançarem, redemoinharem, em linguas rubras, emquanto cá em baixo tudo abatia com estrondo, n'um espirrar de faúlhagem, para as capellas de Santo André, S. Thomé, Santiago, Santo Estevão, S. Miguel, S. Pedro, S. Bartholomeu, S. João da Praça, S. Jorge e Santo Antonio da Sé, que estalavam d'alto a baixo, e onde se fundiam todas as magnificas obras de ouro e prata, os vasos e as vestes, as imagens e as joias. Depois era o castello de S. Jorge que ardia em parte; o fogo descia pela porta da Alfofa. Espalhava-se o boato que ia pelos ares o deposito da polvora e então toda a gente fugia, abandonava de novo as casas, emquanto a horda tumultuosa que lançára o boato — a turba de ladrões ávida de pilhagem — fazia o assalto e degolava os que resistiam entre o barulho louco da catastrophe. Mas o incendio em clarões vermelhos continuava a sua obra devastadora, passava na Costa do Castello, vinha a S. Christovão, Santa Justa, Borratem, Rocio e pegava no palacio Cadaval. O povo via agora as ruinas da Baixa, os paredões negros que ainda se erguiam como marcos de desgraça entre os escombros, olhava aquellas chammas que ora se amesquinhavam e logo surgiam com mais alento por entre o desabar dos telhados, por entre o destroço das paredes.

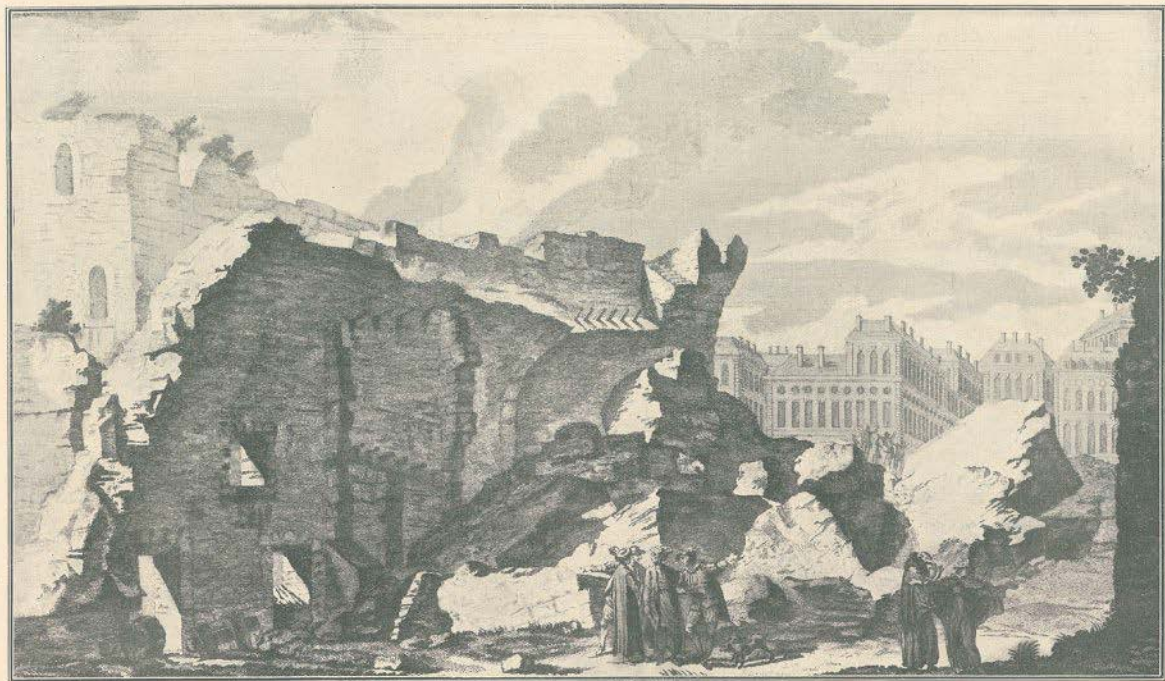
Já do palacio Cadaval chegára ao pateo dos Gallegos, ruas da Condessa e Oliveira e entrava no Bairro Alto pela Trindade e S. Roque, poupando um ou outro edificio, mas devorando a casaria abandonada, para emfim chegar ás ruas da Barroca, Norte e Atalaya, calçada do Combro, Chagas e de novo se confundir com o inicio em S. Paulo.

Tinham ardido os palacios dos maiores fidalgos, outros tinham desabado com o terremoto. Já estavam por terra, ou reduzidos a cinzas, os paços dos duques de Bragança onde se guardava o thesouro real, as moradas dos condes da Ribeira, Côrte Real, Bragança, Aveiras, dos duques do Cadaval e Lafões, dos marquezes de Marialva e de Valença, Angeja, Fronteira, Cascaes e S. Thiago e ainda as do Villa Flôr, Valladares e Vimieiro.

Eram onze horas da manhã e já houvera um segundo abalo. O panico então foi horrivel. A cidade despovoou-se; toda a gente fugiu para os arrabaldes e os fidalgos que por ali tinham as suas casas recolhiam os bandos que chegavam. Só então, ao aplacar-se o terror, se pensava nos que ficavam na cidade. Os meninos de Palhavã deram abrigo aos desditosos habitantes de Lisboa que bateram á sua porta, e emquanto o Tejo rolava cadaveres e barcos voltados e ia aos urros levando destroços, D. João de Lafões corria os escombros com alguns frades salvando aquelles que lhe estendiam ainda os braços. Viam-se então exemplos d'alta coragem. Havia gente que no meio d'essa cidade condemnada atravessava por entre paredes oscillantes para ir buscar pessoas em perigo; homens que trepavam pelas janellas dos conventos a conseguirem meio das freiras descerem; officiaes que se collocavam diante da Casa da Moeda meio abatida para impedirem a entrada da onda que ia roubar; um bibliothecario que buscava salvar os papeis da Torre do Tombo, e ao mesmo tempo isto fazia-se em prantos, em lastimas, todos choravam, a não ser os facinoras que continuavam a sua obra nefasta. Tinham morrido alguns membros da alta nobreza; os parentes chegavam espavoridos á côrte de Belem e contavam o que tinham presenceado. Primeiro aquella derrocada enorme, depois o incendio a lavrar, os habitantes da cidade em fuga, muita gente nos escombros de onde irrompiam gemidos, gritos, appellos, pedras tintas de sangue, membros separados dos corpos e gente abraçada a feridos e até a cadaveres sob aquelle sol que já luzia, de novo descoberto e vivo no azul limpido do ceu. Depois o incendio, as chammas invadindo tudo, fazendo explosões, alimentando-se, tornando-se côr de sangue, e no fim, após o segundo abalo, a salvação, que alguns homens de boa vontade emprehendiam. Arrancavam-se os feridos d'entre as pedras: uns com os braços e as pernas decepadas eram quasi cadaveres; outros com as mãos esmagadas e os corpos contundidos tinham nos olhos signaes de loucura. Havia mulheres nuas que tremiam de medo por detraz das paredes e que eram logo encobertas nas vestes que se podiam arranjar. Diante da cidade em ruinas subia o clamor das gentes e os queixumes dos feridos misturavam-se com as despedidas dos moribundos.

A tarde ia avançando. Nos escombros havia gente acoxada procurando riquezas e, de quando em quando, topando cadaveres; os hospitaes não podiam conter tantos feridos e improvisavam-se então hospitaes para os curar. Não podiam rodar carros na cidade baixa que abatera totalmente, e faziam-se transportes aos hombros. Os ladrões remexiam as algibeiras dos feridos, roubavam-lhes as joias antes de os conduzirem, e a côrte, em Belem, tremia de medo a olhar esse Tejo que ia negro de cadaveres e de destroços, vendo os clarões d'esses incendios que duraram seis dias, temendo ao mesmo tempo a epidemia que poderia vir de tantos cadaveres sem sepultura. O rei estava pallido, procurava no meio da sua côrte o vulto de Pombal, dizia que fôra um acto da protecção divina ter ficado de pé a casa do ministro na rua Formosa. Então, mesmo entre o panico, o conde d'Obidos não esquecendo o seu rancor contra Pombal, fez um arremeço e exclamou:

— N'esse caso tambem Deus protegeu os moradores da rua Suja!

Praça da Patriarchal

Torre de S. Roque chamada vulgarmente Torre do Patriarcha

Egreja de S. Nicolau

D. Pedro d'Alorna falava em enterrar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos. Todos davam conselhos e já se queria mudar a côrte para Coimbra.

Foi então que Pombal chegou com a sua pasta atulhada de papeis, com ordens já promptas a serem expedidas e que elle escrevera ao clarão dos incendios, no rumor das turbas alanceadas, diante das casas que abatiam bem perto do seu palacio.

D. José agarrou-se ao braço do ministro como uma creança afflicta. Todos empallideciam como se vissem Pombal no throno: elle falou baixinho com o rei, mostrou-lhe os papeis, sahiu de cabeça alta e chamando alguns officiaes mandou-os a diversos destinos.

Foram expedidas ordens ao regedor das justiças para a remoção dos cadaveres e para se armazenar todo o trigo, ao patriarcha para incitar o clero a dar o exemplo do trabalho. De todo o reino vieram generos, chamaram-se os regimentos dos dragões d'Evora, infantaria de Peniche, Elvas e Olivença, que se aquartelaram em Belem, Campolide, Cotovia e Sant'Anna; ergueram-se forcas onde se executaram em tres dias trinta e quatro facinoras, e de Hespanha vieram livres de impostos todos os mantimentos, gastando-se em pouco tempo noventa e sete mil libras nos seguintes generos com que se acudiu ás primeiras necessidades:

Seis mil barricas de carne salgada, quatro mil de manteiga, tres mil e quinhentos moios de farinha e outros tantos de trigo, mil saccos de bolacha, doze mil de arroz, mil libras em picaretas e enxadas, etc.

O marquez apparece então em toda a sua grandeza. É o reformador que surge dizendo:

«Da mesma forma que as inundações são necessarias aos rios extravasados para as fazer correr no leito natural d'onde tinham sahido, póde haver casos onde para restabelecer um Estado é necessario que elle seja em parte anniquilado.»

O terremoto fez muitos milhares de victimas. Morreram dezoito mil pessoas, mas a cidade e as instituições sahiram com novos alentos da catastrophe, n'um impulso soberbo do braço de Pombal.

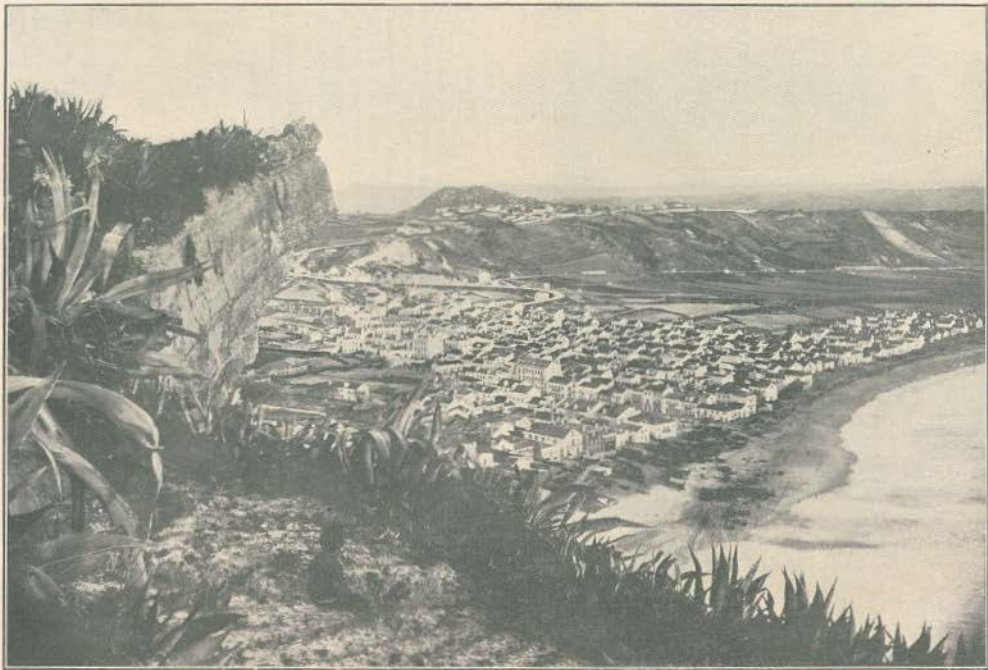
Em 8 de novembro houve um novo abalo; vieram de novo os cortezãos e os padres choramigar em volta do rei; vieram o Obidos e o Alorna, que o ministro encurralou no forte da Junqueira. Em 11 de dezembro houve ainda um pequeno tremor de terra que se repetiu em 21 do mesmo mez. O marquez não desanimou. Quando lhe falaram em mudar a côrte para Coimbra mostrou as casas que já se iam erguendo, as cabanas feitas em volta do paço, as edificações de madeira que elevára na Ajuda para a familia real e das quaes devia sahir uma moradia régia, e elle proprio se acolheu n'um pequeno edificio que mandou construir no Pateo das Damas presidindo d'ali á reconstrucção d'essa Lisboa que o terremoto anniquilára.

Era necessario aquelle homem para aquella catastrophe: isto faz pensar que se um novo terremoto viesse sepultar a cidade—ha annos alarmada por um leve abalo de terra—a desgraça seria quasi sem remedio.

Egreja de S. Paulo

Casa da Opera

Toda a Baixa em ruinas, os Bancos assaltados, os edificios em chammas, as mulheres fugindo com os filhos nos braços pelas ruas, as egrejas desabando, as casas n'um abanar louco, todo um espectaculo de devastação atravez das ruas entulhadas, toda a riqueza da cidade sepultada nos escombros, os mortos entre as ruinas, os feridos mal transportados, e por sobre tudo isto a indigencia da nação, a tibieza dos animos, as fraquezas, os sentimentaes receios de enforcar faccinoras, tantos homens em confusa discussão sem entre elles haver um só capaz do esforço de Pombal,—e isso seria decerto o fim da Lisboa que em 1755 viu o seu rio engulir muitas riquezas, o fogo consumir muitas preciosidades, o roubo e a violencia, o crime e a infamia nas suas ruas destroçadas, mas que de novo renasceu das ruinas e se abriu, e floresceu, estendendo-se e triumphando, porque para a grandeza da catastrophe houve o que certamente hoje faltaria: a iniciativa d'um grande homem, o marquez de Pombal, o Sebastião José que a nobreza do tempo de D. Maria I queria fazer condemnar não pensando que atraz d'elle viria um novo terremoto:—o das instituições.

R. M.

A praia da Nazareth (vista do Sitio)

Conde d'Arnoso (João)

O conde d'Arnoso (João)

Um official da armada portugueza que fazia parte da guarnição da canhoneira *Patria*, fundeada no porto do Rio de Janeiro, escreveu-me os seguintes periodos, em carta datada de 26 de setembro de 1905:

«Quero-lhe dizer que acho a sua terra, querido amigo, um encanto, uma verdadeira maravilha; e a nós (os officiaes da canhoneira) todos, sem excepção, brazileiros e portuguezes teem-nos festejado e enchido de finezas e amabilidades. O Rio de Janeiro, quando tiver concluido as obras colossaes que está fazendo, ficará uma das mais bellas, se não a mais bella cidade do mundo».

O pae, que n'essa época se achava em Cascaes, tinha-me escripto dias antes, dizendo assim:

«O meu querido João escreve-me encantado com a carta que lhe déste, com a fórma por que o teu amigo o tratou. (Refere-se ao meu presado amigo e collega Tobias Monteiro). Eu nem sei como agradecer-te! O teu Brazil não causa senão enthusiasmo ao meu querido João. Não fala só com paixão das pessoas que tanto o distinguem: gosta muito da terra. Do Rio, da Bahia diz que se não póde sonhar nada mais bonito. Tambem as brazileirinhas lhe não escapam. Está pelo beicinho com as moças».

O rapaz que tanto amava o meu Brazil, cujo nome é por certo conhecido de muitos leitores do *Jornal do Commercio*, o conde d'Arnoso, João, succumbiu no dia 6 do corrente aos estragos da tuberculose.

E' com a dôr mais viva que annuncio esta desgraça, é com a maior sinceridade que dou os pezames á marinha de Portugal.

Sim. Dou-lhe os pezames com a maior sinceridade.

O conde d'Arnoso, João, contava apenas vinte e seis annos. Não se póde escrever a seu respeito como o poeta ácêrca de Alexandre

«Morreu na flôr dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro».

Mas o que se póde e o que se deve afoitamente asseverar, é que a sua vida foi curta, porém bella, o seu caracter perfeitamente digno, e que a marinha portugueza tinha muito a esperar d'elle, porque o brilhante official consagrava-lhe a maior predilecção, votava-lhe todos os recursos da sua intelligencia, toda a infatigavel energia da sua vontade. Tinha além d'isso um raro sentimento do dever profissional, o religioso respeito das suas obrigações, o amor absoluto, o culto—porque assim digamos—das suas dragonas, das suas queridas dragonas, pelas quaes sacrificaria tudo, que eram a sua preoccupação constante, e foram o unico prazer, a só consolação dos seus ultimos dias.

Ninguem veja n'estas palavras sombra de encarecimento.

O conde d'Arnoso, João, iniciou a sua carreira partindo para uma estação em Lourenço Marques. As revoltas dos Ranes, dos Boxers e do gentio de Timor obrigaram-no a viajar quasi todo o tempo no mar das Indias, no da China e no da Sonda, percorrendo toda a costa africana, quando regressou a Lisboa. N'essas viagens, apezar de trabalhosas, escreveu elle uma extensa monographia sobre os *tufões*, que os experimentados e professos na sciencia e arte da navegação teem em grande conta e preço.

De Lisboa partiu novamente para a Africa, de lá seguiu a bordo da *Patria* para o Brazil, do Brazil voltou perigosamente enfermo, por se lhe aggravarem antigos padecimentos.

Pois, senhores, no quarto da casa paterna, em frente das airosas palmeiras e dos canteiros risonhos do jardim; envolto n'uma tepida atmosphera de carinhos; acompanhado sempre de uma irmã, cuja alma tem a brancura do leite, uma santa a quem a sua morte transfigurou na estatua da Dôr, o conde

D. Luiz de Souza Coutinho Monteiro Pria. Conde d'Alva Marquez de Santa Iria

d'Arnoso, João, sem despregar os olhos do Tejo, que nunca deixa de bradar pelo seu heroico povo de Argonautas, só pensava em cousas de marinha, lamentando umas vezes com amargura os tristes casos do *D. Carlos* e do *Vasco da Gama*, outras vezes esboçando projectos de viagens para Lourenço Marques, para a Guiné, para alguma estação longinqua e pouco bicionada. E' que elle era um marinheiro a valer, um marinheiro de alma e coração. Erigira o seu campanario no mastro grande do seu navio, e, quando avistava o mar, suppunha avistar a sua patria.

Por isso com a maior sinceridade dou os pezames á marinha de Portugal.

O meu intuito, ao principiar esta chronica, foi escrever uma pequena biographia d'aquelle moço bom e encantador, como cidadão, como official, como homem de sociedade. E tenho a certeza de desempenhar-me cabalmente da tarefa, no tocante á primeira qualidade, se trasladar para aqui as nobres palavras que elle proferiu entre transes de morte: «Lego a meu pae o nome honrado pelo esforço e valor com que sempre tentei servir o meu paiz».

A sua biographia como official, a um tempo disciplinador e bondoso, cifra-se admiravelmente nas phrases do 82, o marinheiro da *Patria*, que foi impedido do conde d'Arnoso, João, e que o viu morrer: «Se a *Patria* estivesse em Lisboa, a guarnição desertava toda para vir chorar o nosso tenente!.»

Não póde haver epitaphio mais singelo e mais honroso.

Como homem de sociedade, photographou-o o professor Cypriano de Freitas, quando escreveu ao conde d'Arnoso: «Seu filho tem o condão de grangear todas as sympathias e conquistar todos os corações».

Muito de proposito accentuei as palavras do tenente moribundo e do marujo, para que as registem no livro da memoria os jovens officiaes da marinha brazileira e da portugueza, e porque estou certo de que, se este artigo cair debaixo dos olhos do meu provado e leal amigo conde d'Arnoso, servirá de lenitivo á sua saudade o ler nas columnas do primeiro jornal do paiz, a que elle tão grato se confessa, o merecido testemunho de admiração tributado á honra immaculavel de seu filho.

Sei isso, porque o conde d'Arnoso recebeu centenas de telegrammas, dando-lhe pezames pela infelicidade que teve. Pois de entre todos esses *um* houve, que o tocou profundamente na alma. Qual foi? O do sr. Barão de Rio Branco. E porquê? Porque dizia: «Envio-lhe os sentimentos pela morte do seu *digno* filho.»

Quando me mostrou o telegramma, o conde d'Arnoso commentou: «O barão do Rio Branco podia escrever *seu estremecido filho, seu adorado filho*. Não quiz. Escreveu *seu digno filho*. Fez justiça ao meu João. Estou-lhe obrigadissimo, como tambem estou ao dr. José Carlos Rodrigues, que lá, tão longe, se lembrou de mim.»

Uma philosophia mystica do Norte acredita e ensina que o homem, quando morre, converte-se n'aquillo que pensou, n'aquillo que phantasiou, n'aquillo que amou. Encarnada a sua alma em corpo angelico, vae habitar o seu sonho terreal realisado em paizagem paradisiaca.

Se fosse verdadeira esta doutrina, como seria lindo o paraiso do João! Que brancas ideias! que socego! que doce enleio! que suave tristeza! que amor humano apaziguado no amor divino! e que sentimento, intimo e real, da eternidade, no prolongamento das horas felizes, semelhantes ás horas de hontem, ás horas de ámanhã, ás horas de sempre!...

Deixemos, porém, essas loucuras do imaginar e ponhamos termo, que assim é preciso, ao doloroso assumpto.

Brioso marinheiro! Não tenho para o que vou fazer procuração de especie alguma. Julgo, porém,

Visconde de Pindella João Lobo Pinheiro Machado Mello e Almada

O conde d'Arnoso, de moço fidalgo, em 1887—Pastel de Columbano

interpretar o sentimento geral, enviando-te d'aqui a ultima saudação, em nome dos filhos d'esse Brazil, que tanto amaste e que tu achavas *um encanto, uma verdadeira maravilha!* A mesma saudação respeitosa dirigem elles tambem áquelles que abandonaste, pae, irmãos, mãe (*mãe* sim, que outro termo não quadra á bonissima e ajuizada senhora, cujo nome não escrevo para não offender o pudor delicado da sua modestia), a toda essa familia, onde ninguem póde nascer nem entrar sem logo adquirir os signaes contagiosos da Honra e da Bondade. Vae dormir na terra hospitaleira e sagrada de Portugal, terra de teus paes, terra de nossos avós, e não temas ser esquecido, João, não temas isso. Pois se foi a Bondade, que predominou constantemente sobre todos os teus dotes preciosos; se a Bondade é que subsiste na memoria dos teus amigos como a impressão verdadeira e definitiva; agora que partiste para a tua derradeira estação, agora que te remontaste ao seio divino, a Bondade preservará do esquecimento o nome, que recebeste illustre, e que deixaste mais illustre ainda.

E, quando fallarem de ti, parentes e amigos sentirão crescer o coração dentro do peito, cruzarem-se-lhes no espirito, como meteoros luminosos, energicas decisões em defeza da Bondade, e as lagrimas, que brotarem de seus olhos, deslizarão silenciosamente pelas faces, purificando, como chuva do céo, toda a sua alma.

José Antonio de Freitas.

O Japão brilhante, o Japão tradicional, o Japão dos grandes estofos laminados d'ouro, o Japão dos kimonos bordados de gansos heraldicos, o Japão da epoca dourada de Yemitsou e do apogeu da industria da seda, o Japão riquissimo do velho imperio, que foi um deslumbramento para o nosso ingenuo Fernão Mendes Pinto, — o verdadeiro Japão, n'uma palavra, já não existe.

O processo brusco de desnacionalisação, de europeianisação que nos ultimos cincoenta annos se accentuou, tornando o velho Nippon tradicional uma verdadeira Inglaterra do Oriente, se é certo que lhe creou politicamente um inesperado prestigio, é tambem verdade que significou o exterminio de todo o seu pittoresco e de toda a sua grandeza hieratica e sumptuosa. O Japão de hoje, — negação precipitada e violenta da sua civilisação tradicional, é muito mais do que admiravel na guerra e pouco menos do que ridiculo na paz.

Nada mais encantador do que a antiga mulher japoneza, lenta, aristocratica, pintada de carmim e crivada de pentes de lacca, envolvida no seu kimono sacerdotal bordado e recamado de heraldicas d'ouro, solemne nas dobras hirtas dos seus pesados estofos, cheia de joias e erguida n'uns cothurnos de palmo e meio de altura, — como a vêmos nas pinturas de Yosai ou nas laccas de exportação. Era sumptuosa, immensa, — quasi um idolo, quasi um objecto de culto. Hoje, pelo contrario, a japoneza é ridicula, amacacada, insignificante, com o seu chapéu de côco e o seu vestido *tailleur*, o seu *cannotier* inglez e a sua saia curta, quasi insexuada e quasi desagradavel, como uma ingleza feia a quem tivessem pintado os cabellos de negro, entortado as sobrancelhas e tirado meio metro de altura. Quando lhe arrancaram a solemnidade do seu cothurno dourado e do seu kimono de seda, — a japoneza perdeu todo o seu prestigio.

D'onde vinha então esse prestigio archaico e tradiccional? Não do espirito, — porque a antiga japoneza era inculta como um animalsinho de luxo e a moderna japoneza surge erudita e ponderada como uma verdadeira allemã. O seu prestigio era por conseguinte todo material, todo exterior, irradiava dos seus estofos pesadissimos recamados d'ouro, da sua *maquillage* feita com mil pinceis diversos e habilmente manejados, da sua morbidez quebradiça e transparente, da esbelteza que lhe emprestava a altura desmesurada dos cothurnos e o edificio immenso e complexo do penteado.

O que tornava a antiga japoneza verdadeiramente bella era a fórma por que ella se vestia. Na *toilette* das elegantes do Japão não havia nada de complicado, — a não ser a pintura systematica e admiravel da face, da bocca e dos olhos. Isso sim: levava-lhes mais tempo do que o proprio penteado frisado, polvilhado, riçado e encannudado das elegantes francezas e hollandezas do seculo XVIII. A *maquillage* era no velho Nippon uma arte tão nacional como a da louça e dos estofos. Os innumeros pinceis e tigelinhas de côr da japoneza correspondiam aos innumeros ferros de frisar dos cabelleireiros europeus de 1750. Passava-se um dia pintando uma cara. Levavam-se dias e dias polindo as unhas das mãos e dos pés. Mas, tirado isso, a parte verdadeiramente de guarda-roupa era na

toilette da japoneza o que havia de mais primitivo e de mais rudimentar. Dentro da maxima sumptuosidade, — a mais extrema e inverosimil simplicidade.

Começa porque a antiga japoneza, a japoneza de ha cincoenta annos atraz, não usava roupa branca. Os *dessous* não existiam no Japão. Por mais rica

— vestia-se logo ao rés da carne, como a *robe-de-chambre* das elegantes da Revolução. Sobre essa ampla tunica comprida e caudada, bordada em recamos d'ouro e prata com os complexos symbolos heraldicos dos armoriaes japonezes, — gansos, dragões, crisanthemos — usavam então as mulheres uma cintura *(obi)* de estofo espesso e dourado, re-

Uma dançarina japoneza do seculo XVIII

e mais nobre que fôsse, a elegante de Yedo vestia o seu kimono sumptuoso immediatamente sobre a pelle. Era summario e rapido. Nada de camisa, nada de espartilho. O kimono, especie de tunica ampla, solemne, com mangas enormes, cahindo em dobras espessas, com a solemnidade d'uma tapeçaria, — trajo nacional e caracteristico que embora variasse de riqueza nunca variava de fórma,

matando sobre o ventre n'uma laçada enorme cujas pontas desciam até ao chão. Se considerarmos agora que este edificio sumptuoso assentava sobre dois cothurnos de madeira, altos e estreitos, e rematava em cima por um penteado brilhante d'oleo de camelia e crivado de pentes de nacar, d'ouro e de lacca, — ahi temos o verdadeiro retrato da antiga japoneza, como a representam os grandes li-

vros de imagens da escola de Kalsouhava e como nós a vimos admiravelmente resurgida pela tragica japoneza Sadda Yacco, em cujos kimonos recamados d'ouro e de pedras preciosas, dragões immensos espalmavam as garras enormes, e erguiam as azas esbeltos gansos de prata...

Japoneza sahindo do banho

Dama nobre do Japão, com sombrinha de papel

Hoje, porém, tudo mudou. A japoneza europeisnisada, amacacada, sem prestigio e sem grandeza, sem cothurnos e sem cintura d'ouro, — já usa camisa e saias de baixo, espartilho de barba direita e ligas de suspensão. Ao kimono hieratico e nobre, succedeu o vestido *tailleur* e a saia curta ingleza; ao penteado immenso, o chapéu de côco ou o *cannotier;* ao leque, a *raquette;* á *maquillage*, o exercicio physico; ás sessões de manicurismo, os *matchs* de *lawn-tennis*. A tradição só se conserva nas pinturas da louça e nos velhos kakemonos religiosamente dobrados e guardados. Ao Japão tradicional succedeu o Japão cosmopolita.

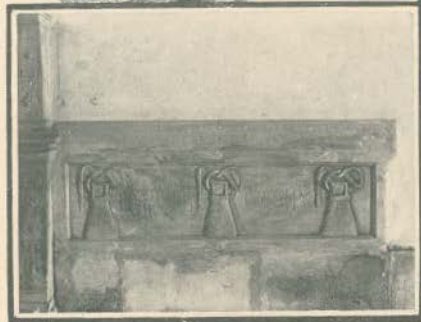
O europeianismo do grande Imperio, damos de barato que tivesse sido um triumpho para o homem: mas hãode conceder-nos que foi um desastre para a mulher.

Uma poetisa japoneza do seculo XVIII

Kimono de damasco bordado de gansos heraldicos

Kimono de seda bordado de chrisantemos d'ouro

Japoneza fazendo a sua toilette

O Pantheon dos Silvas

Tumulo do 2.º conde de Aveiras, XII senhor de Vagos [seculo XVII]—Capella-mor, tumulo da fundadora D. Brites de Menezes [seculo XVI]—Tumulo de Ayres Gomes da Silva, o de Alfarrobeira, marido da fundadora, [seculo XV]—Capella dos «Reis Magos»; tumulo de Lourenço da Silva, o de Alcacer-Kibir

A uns doze kilometros de Coimbra, para a direita da estrada de carro que segue até á Figueira da Foz, fica situada a pequena e antiga povoação de S. Silvestre. D'ali se subia, ainda ha pouco, para S. Marcos, a pé ou a cavallo, n'um curto passeio de dois kilometros a tres — aproveitando troços de estrada em construcção, entre olivedos, pinhaes magros, fazendas de milho, ou avançando atravez carreiros, atalhos bordados de sebes, trechos de terreno areiento ou barreiras avermelhadas. Hoje pode chegar-se de trem ao mosteiro. Vencido o outeiro alombado e vasto onde assenta o monumento, a arca do peito alarga-se-nos n'um consolado hausto de vida, e os olhos tomam de toda a paizagem uma posse gratamente dominadora!

Ficaria ali esquecido a olhar quem não tivesse por intuito principal vêr os restos do mosteiro.

Como me não sobra espaço para a descrever, resisto á tentação de esboçar esta paizagem admiravel, forte e dôce: montanhosa de norte a sudoeste, ao rodear a mancha nevada de Coimbra; vaga e fugidia de aspectos ribeirinhos, ephemera de vegetações claras, pacifica de lavouras patriarchaes lá baixo, na terra chã; já banhada, a poente, n'um ar e luz de céu marinho...

Do convento de S. Marcos existe apenas a egreja. É o melhor. Mas muito de bom teria tambem o resto do mosteiro, destruido, haverá meio seculo, por um incendio posto. Conservam-se de pé algumas das paredes principaes, cobertas de hera n'uns pontos, esburacadas de janellas e de portas já sem guarnições de pedra. Desappareceram todos os vestigios de telhado e vigas. Dos soalhos vê-se uma ou outra trave apodrecida. Pedaços de cantaria, restos de esculpturas só se descobrirão entre os entulhos, as hervas e ortigas. Entremos na egreja — pantheon dos Silvas.

Aspecto geral da egreja

Do adro — seculo XVIII como a fachada — e atravessada a galilé, damos com uma porta gothico-manuelina, onde podemos ler a data de 1510. Transposta esta, e parando debaixo do côro de madeira, sem valor, abraçamos n'um golpe de vista toda a egreja. Notamos logo: á nossa direita, tres tumulos; á esquerda, fronteiro ao medio d'estes tumulos, e ladeado de duas portas, um pulpito, em fórma de calix; a seguir ao pulpito, e formando o braço esquerdo do cruzeiro — a que falta o braço direito — uma capella Renascença, chamada dos «Reis Magos»; em frente de nós, ao seguirmos o eixo do templo, e para além d'um grande arco cruzeiro, o altar-mór, em capella manuelina, de aboboda artezoada.

Adiantando-nos, ao lançar os olhos á capella dos «Reis Magos», veremos dentro dois tumulos — um do lado do Evangelho, outro do lado da Epistola; e atravessando sob o arco cruzeiro contaremos na capella-mór: do lado do Evangelho, tres, do lado da Epistola dois mausoleus. São, ao todo, dez os tumulos monumentaes que se encontram em S. Marcos, além de algumas campas razas. Só d'aquelles me occuparei, e só elles constituem o pantheon dos Silvas. O sr. Joaquim de Vasconcellos numerou-os como se vê da planta, a contar da capella-mór, começando pelo primeiro do lado do Evangelho.

A impressão de surpreza e de encanto, que se recebe ao penetrar na egreja, é perturbada, diga-se, pela desproporção do tecto central, alteado em epoca posterior á da edificação; não falando d'umas substituições e accrescentamentos seculo XVIII, como são os de algumas portas e janellas, dos feios altares de madeira encostados ás nascentes do arco-cruzeiro, do ridiculo côro, da polychromia pincelada no retabulo da capella-mór...

Mas o que ficou, no meio das ruinas e superpetações, é de geito a encher de prazer e a suggestionar intensamente quem possa ainda interessar-se pela arte e pela vida historica de Portugal.

*

Um monumento como é S. Marcos impõe-se-nos sob tres pontos de vista:

Sob o ponto de vista artistico — não só pelo valor intrinseco de cada trabalho de detalhe, mas pela circumstancia de constituir uma serie de exemplares, de representar um cyclo, de documentar todas as phases d'um dos nossos periodos fecundos e marcados, na architectura e na esculptura.

Sob o ponto de vista historico — como pantheon de uma familia poderosa, cujos representantes, de geração em geração, collaboraram altamente na missão nacional de toda a dynastia de Aviz.

Sob o ponto de vista moral — porque foram elles, os Silvas, os «Regedores das Justiças», almas de lealdade e de arreganho heroico, cuja memoria ainda dará força confortadora...

Sob qualquer dos tres pontos de vista eu só poderei, no emtanto, deixar aqui indicações breves, prescindindo de commentarios criticos.

Antes da fundação do mosteiro

Não foi o mosteiro, com a egreja existente, a fundação primitiva de S. Marcos. Esta constou d'uma simples ermida, levantada em 1441, e que devia ter occupado, talvez, o espaço comprehendido entre o primeiro tumulo á entrada, do lado direito (n.º 10, de Joaquim de Vasconcellos), e a parede fronteira, onde esteve o fundador, por altura correspondente. E do fundador da ermida vou dizer já: que foi João Gomes da Silva, filho primogenito de Gonçalo Gomes da Silva «I senhor de Vagos». Conhecemol-o, este João Gomes da Silva, «II senhor de Vagos», 2.º senhor de Unhão, senhor de Sepaes, Gestacó, Meynedo e Ribeira de Soas, alferes-mór e copeiro-mór de D. João I.

Depois de defender Coimbra contra os castelhanos e de ir tomar parte na batalha naval de Lisboa, a favor da cidade em lucta com o rei de Castella, enche de cavallarias e extremos de arrojo o dia bravo de Aljubarrota. No cêrco de Tuy escala os muros, e arvora o pendão do rei de Portugal no alto da muralha. Em 1411 é o embaixador escolhido para assignar a paz com Castella. E logo em 1414 faz parte do conselho chamado pelo rei D. João I para decidir da expedição a Ceuta.

Ora, é d'este conselho que o conhecemos.

Já maduro, embora sempre verde de animo e rijo de braço, é João Gomes o da phrase pittoresca e viva, evocada por Oliveira Martins:

— «Russos, além!»

E, tendo assim exhortado os velhos irmãos d'armas, esses russos que valiam pelos novos, lá o tivemos no anno seguinte a desgarrar, velas ao vento, com o commando de uma das sete galeras, para, rente aos muros de Ceuta arremettida, ainda pôr sombra a moços e donzeis, com tal dextreza e bravura jogava golpes em roda.

[1] Depois da visita que fiz a S. Marcos, onde tomei muitas notas, e onde folheei com cuidado um tombo manuscripto, de S. Silvestre, li os artigos publicados pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, ácêrca do pantheon dos Silvas na «Revista de Guimarães» [1897] e n'«A Arte e a Natureza em Portugal». Esses artigos, infelizmente incompletos, representaram para muitos a revelação d'um thesouro. Para mim valeram como confirmação, intelligentemente formulada, de impressões directas e vivas. Devo-lhe a maior parte das notas historicas d'este artigo; e alliado á numeração dos tumulos proposta pelo erudito critico. Para mim, reivindico, além da fórma propria, a completação de certos dados historicos, o plano da descripção, a coordenação chronologica e a divisão por periodos, bem como a emoção toda pessoal, que me suggeriu a contemplação do monumento. E' reproduzida d'um dos artigos do sr. Vasconcellos a planta publicada no fim d'este trabalho.

Nada tinha a ganhar em grandezas e honras; pois fôra accrescentado em quantas, das melhores, no reino havia. Mas ali recebeu, de olhos orvalhados e beiços tremulos, a mais grata de todas vendo o filho — Ayres Gomes da Silva —armado cavalleiro.

Já quebrado da edade, e achando, depois de ter levantado entre os homens tanto ruido heroico, que era tempo de falar em segredo com Deus, recolheu-se por fim á sua quinta de S. Marcos, onde ergueu, em 1441, a ermida já indicada.

O primeiro periodo da historia de S. Marcos, que corre de 1441 a 1454, corresponde, pois, á fundação e existencia da ermida de João Gomes. Era d'esse periodo e pertencente á ermida o tumulo d'este, desapparecido, mas cujo epitaphio se salvou; e deve ser tambem d'essa epoca o tumulo do filho—Ayres Gomes da Silva (o tumulo n.º 10).

João Gomes da Silva morria a 26 de março de 1445—quatro annos depois de ter levantado a ermida. Fiel á moda das tenções e divisas do tempo, usára em vida uma que lhe foi gravada no epitaphio:

«Oblie», «oblie», «oblie».

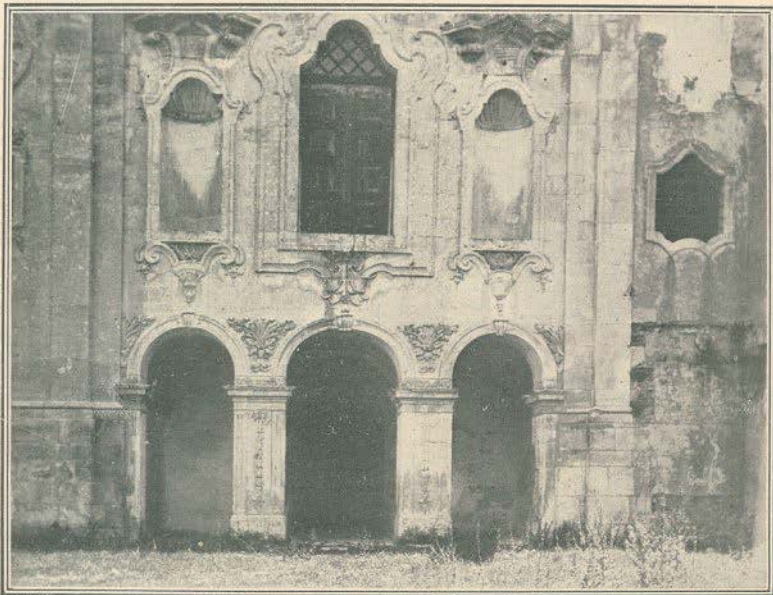
Não o esqueceremos nem á sua geração.

Fundação do mosteiro e historia da egreja

Encerrei em 1454 o primeiro periodo da historia de S. Marcos, periodo que immediatamente antecede a do verdadeiro mosteiro.

N'aquelle anno morreu Ayres Gomes da Silva, III senhor de Vagos; e foi provavelmente na mesma data que se demoliu a ermida e se lançaram as primeiras fundações da egreja actual.

Ayres Gomes fôra casado com D. Brites de Menezes, senhora piedosa que, em vida do marido, á volta de 1451, fizera doação á ordem dos Jeronymos do local da ermida e do terreno cêrca, obrigando-se ainda á edificação d'uma egreja e convento, e realisando assim, segundo parece, antigos votos do sogro.

Tendo encarregado ao architecto Gil de Sousa em 1452 o plano da egreja, que, assim, viria a substituir a ermida—respeitando e comprehendendo, no emtanto, o tumulo do fundador—do bravo João Gomes—e o do marido—poude, logo no anno da morte d'este, em 1454—dar execução áquelle traçado.

S. Marcos—A fachada—(Seculo XVIII)

Não fecho, comtudo, o primeiro periodo sem me referir ainda ao nobre barão Ayres Gomes da Silva.

Foi este, da familia, o primeiro «Regedor das Justiças». Caiu-lhe bem o altissimo cargo.

Armado cavalleiro pelo regente D. Pedro, na jornada de Ceuta, provou ainda, nas côrtes de 1436, a firmeza da sua dedicação jurada. Depois, em Alfarrobeira, combatendo entre os dois filhos—João da Silva e Fernão Telles de Menezes—basta dizer que foi, no arrojo e bravura, digno parceiro de Alvaro Vaz de Almada, saindo mal ferido da batalha fatal. O rei D. Affonso V, a punir a sua fidelidade ao Regente, confiscou-lhe os bens, que só foram restituidos a D. Brites de Menezes depois da morte do marido.

O tumulo de Ayres Gomes da Silva—(n.º 10) unico monumento existente do 1.º periodo do ultimo anno da ermida antiga (1454)—é d'uma grande simplicidade. Avulta

Mosteiro de S. Marcos — Tumulo de Ayres da Silva e sua mulher — (Seculo XVI)

na parede apenas pelo relevo da inscripção e, abaixo d'esta, pelo de tres *esmolneiras*, entre as quaes se lê a divisa:

LARDANT — DÉSIR

Ayres Gomes da Silva, tendo herdado os senhorios do ae, foi tambem, além de «Regedor das Justiças», alcaide-mór de Monte-mór-o-Velho e morreu governador de Lisboa.

◉

O segundo periodo da historia de S. Marcos corre de 1454 a 1510.

De 1454 até 1462 é diana D. Brites de Menezes quem

Tumulo de João da Silva o «Grande Regedor das Justiças» — (Seculo XVI)

acompanha e vigia a execução da sua obra. Tendo obtido a restituição dos bens em tempo confiscados ao marido, dividira a sua enorme casa em duas. Ficou o primogenito — João da Silva — com representação do 1.º ramo da familia, como «IV senhor de Vagos», e com os titulos de alcaide-mór de Montemór-o-Velho, de *general del Ampurdan* (1) (titulo obtido pelas suas victorias na campanha a favor do nosso condestavel D. Pedro, pretendente á corôa de Aragão), de camareiro-mór do principe D. João (depois D. João II). Por sua vez, Fernão Telles veiu a ficar: IV senhor e I morgado de Unhão, senhor de Gestaçó, Meynedo, Sepaes e da Ribeira de Soas, e mais tarde commendador de Ourique na Ordem de S. Thiago, e mordomo-mór da rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Mas n'aquelle anno de 1462 morre D. Brites de Menezes; e logo em 1464, o architecto Gil de Sousa, deixando por certo levantado o corpo da egreja de sua traça, que mais tarde seria modificada ou accrescentada na capella-mór — hoje existente — e na dos «Reis Magos»; — até que, ainda depois, viesse toda a fabrica a soffrer as deformações lastimaveis, já acima indicadas.

Do segundo periodo temos a notar dois exemplares de architectura e esculptura: o tumulo de Fernão Telles de Menezes, e a porta gothico-manuelina da entrada, cuja data é a do termo d'este mesmo periodo.

O tumulo (n.º 8 de Joaquim de Vasconcellos) foi mandado fazer talvez á volta de 1471 por D. Maria de Vilhena, mulher de Fernão Telles.

É um dos mais notaveis monumentos de S. Marcos.

A pureza robusta do arco ogival, interiormente ornado a lobelios e cogulhos, presta um quadro firme ao melhor dos elementos decorativos do mausoléu — ao amplo cortinado de pedra. Este, preso da base circular d'um pequeno docel — por sua vez suspenso do cavado intradorso — forra, caido em pregas abundantes, toda a concavidade do ediculo, e vem abrir, á altura da nascença da curva, artisticamente colhido e apanhado pelas mãos de duas figuras de homens hirsutos; até que d'esse opulento apanhado de refolhos e pregas, vá tombando frouxamente, a um lado e outro, a acompanhar o monumento, cuja base é a arca de pedra — o verdadeiro sepulchro.

É deitada sob aquella sumptuosa armação de leito mortuario, como agasalhada e protegida, que repousa, orando, vestida da armadura de cavalleiro, a estatua severa de Fernão Telles de Menezes, uma das mais bellas de todo o *pantheon*.

Lavrados na arca — enriquecida de molduras floridas e de roda-pé flammejante — vêem-se tres escudos: o de Fernão Telles, o da sua piedosa mulher e, no meio, um que resume os dois; e lê-se uma inscripção gothica, d'onde se colhe a lição dos serviços e cavallarias do bravo morgado de Unhão. De tal inscripção e das chronicas, — a sua figura historica sae-nos n'um grande relevo de heroismo e de nobreza.

Combate, ao lado do pae e do irmão, na acção de Alfarrobeira, jurando pelo Regente.

Mais tarde, já perdoado pelo rei D. Affonso V, batalhava em Ceuta, e soccorria Alcacer-Ceguer.

Foi um dos prisioneiros da empreza do infante santo so-

[1] O Ampurdan [de Ampurias, Emporion] é um territorio da provincia de Gerona, em Hespanha, e que confina com os Pyreneus orientaes.

bre Tanger; e, se se resgata, é para vir combater nos terços reaes contra Castella.

Só a morte, que o tomou cedo, aos quarenta e cinco annos, lhe não correspondeu á vida batalhosa, pois morreu no meio d'um motim popular, d'uma pedrada cega e perdida.

Não vem no epitaphio este caso da morte ingloria. Celebram-se ali os seus feitos de capitão de Africa e de arremettedor de Castella.

Mas, de toda a inscripção, o que não resisto a transcrever é a parte final, incompleta — tanta ternura e nobre fidelidade ella revela. Diz:

«Dona Maria de Vilhena (a mulher de Fernão Telles) o mandou fazer em vida (o mausoléu) e aqui se mandou sepultar para jazerem os ossos tam juntos como foram as vontades»...

A porta manuelina é um interessante exemplar d'esse estylo de compromisso, em que as intenções de detalhe e a invenção caprichosa de certos motivos secundarios representaram adaptações e desenvolvimentos felizes e suggestivas fórmas, organicamente reconheciveis, embora modificadamente derivados da viva e fecunda arte gothica.

E, como disse, esta porta o segundo elemento artistico de valor a considerar no periodo limitado entre as datas de 1454 a 1510.

Este periodo de 45 annos póde subdividir-se ainda em duas epocas—contando a primeira de 1510 a 1530. E' d'esta epoca a capella-mór, onde se encontram elementos caracteristicos do *manuelino:* no artezoado e bocetas da aboboda, nas duas primeiras janellas aos lados do altar e nos tres tumulos do lado do Evangelho (são os n.^{os} 1, 2 e 3 de Joaquim de Vasconcellos).

O tumulo n.º 1—primeiro a contar de cima—contém os restos da *fundadora*, já mais d'uma vez indicada, D. Brites de Menezes. E' um ediculo simples. Decoração mixta, mas sobria: arco inscripto, superiormente, n'uma moldura rectangular, dentro da qual se enrolam e vicejam os cogulhos nascidos da curva e do remate em *connopial*, a animarem assim esse espaço mal tomado por dois emblemas. Entre os cordões, o arco é lavrado d'uma faixa de grotescos Renascença.

Sob esse arco vê-se a estatua da *fundadora* orando deitada ao longo da tampa da arco-sepulchro, que tem na face a inscripção d'onde constam os traços geraes da sua vida.

Merecera bem aquelle titulo de «*fundadora*», pela doação e edificação da egreja e do convento.

Camareira-mór de D. Izabel, mulher de D. Affonso V, foi D. Brites de Menezes quem, pelo seu bom conselho, logrou reconciliar os dois esposos reaes, depois da morte do infante D. Pedro, pae da rainha.

Alcançou, como vimos, de D. Affonso V, que a respeitava e attendia, a restituição dos bens do marido. E não se fez tardar a permissão para dividir a sua grande casa nos dois morgados de *Vagos e Unhão*.

E' do seu primogenito João da Silva, «IV senhor de Vagos», *general del Ampurdam*—o tumulo a seguir (n.º 2).

Póde dizer-se este o modelo do n.º 3, que lhe está ligado, e contém os restos de Ayres da Silva, «V senhor de Vagos». São muito semelhantes.

Enchem estes dois tumulos, com o da *fundadora*, todo o espaço do lado do Evangelho até ao arco cruzeiro. Mas são, os dois, sumptuosos de lavores e detalhes ornamentaes, em contraste com a simplicidade do n.º 1.

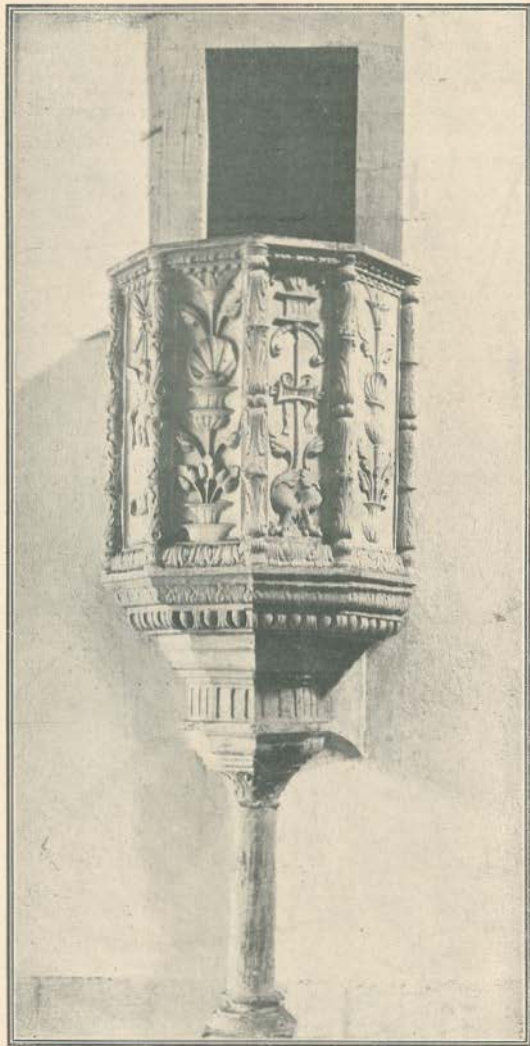
Cada uma das arcas sepulchraes, sobre que está jazente a estatua armada do guerreiro sepultado, fica recuada um pouco a dentro de fortes pilares onde encosta e d'onde encurva, ligando-os, o arco pleno que a abriga. E tudo: pilares, coroamento de ediculo inteiro, parede de fundo, extradorso do arco, tudo accumula e desenvolve uma riqueza basta de motivos de decoração, principal encanto e interesse dos dois tumulos, gemeos de plano.

Os pilares, de lavrados Renascença junto á base, avultam, pelo alçado acima, de ricas peanhas e baldaquinos a reflectirem, a um tempo, a influencia d'aquelle estylo e a do *manuelino;* como as reflecte o arco, de pleno cimbro, cheio, a toda a volta, de estylisações Renascença, e franjado, sob a curva, a colchetes de folhagens *manuelinos*. Ao mesmo tempo que o coroamento, em meia lua, com cordões de ovalos e recamos leves, á justa assente na verga robusta entre os tôpos dos pilares, arredonda empennachado, exteriormente, de molhos e cogulhos fartos.

Na grossura do intradorso, e revestindo a parede do fundo, uma delgada estylisação de amores e silvas e, ao centro d'essa parede, sob um opulento baldaquino *manuelino* —cuja base fica pouco acima da figura do guerreiro — a estatua de Christo Redemptor, que aponta o céu com o index da mão direita, e sustenta o mundo na mão esquerda.

A impôr a memoria e o nome glorioso do cavalleiro sepultado, o escudo dos Silvas, suspenso da verga como *agrafe* que ligasse a volta do arco e o coroamento, ostenta o leão rompante, sob um elmo erguido de face, viseira aberta, e d'onde se espalha um bracejante paquife de folhagens.

Os dois tumulos n.^{os} 2 e 3 são, como disse, tão semelhantes, que a descripção d'um d'elles é a descripção

Portada da capella dos «Reis Magos»—(Seculo XVI)

Pulpito da egreja de S. Marcos—[Seculo XVI]

do outro. Faz pena que a um e outro faltem as figuras que deviam corresponder ás peanhas e baldaquinos das faces e angulos dos pilares. Só differem estes tumulos em detalhes minimos. Deve notar-se tambem a falta de epitaphios na lapide á frente do tumulo n.º 3, quando no n.º 2 encontramos uma longa inscripção ácerca do guerreiro que n'elle repousa, João da Silva. Já conhecemos uma grande parte da sua vida, as honras e titulos que alcançou, e entre os quaes se contava o de «*General del Ampurdam*». Accrescentaremos que foi bravo capitão de Africa em Alcacer-Ceguer, depois em Arzilla e Tanger. Tomou parte nas luctas de D. Affonso V com Castella, por motivo dos debatidos direitos da «excellente senhora» D. Joanna e veiu a morrer n'um d'esses combates, em duello travado junto de Ouguella — tomada de assalto pelos castelhanos — com o capitão hespanhol Martim Lalindo.

Bateram-se os dois, sós em campo, á maneira de antigos chefes de guerreiros, e bateram-se já de noite, mal se encontraram, á luz tremula dos brandões, que illuminavam rostos e armaduras de brilhos sanguineos e tragicos. Tombaram ambos mortalmente feridos, enchendo de tanto espanto e magua os seus cavalleiros e peões, que nem um só golpe mais se trocou de banda a banda por todo o dia chegado. Dera-se esta tragedia por 1475. Ficou o principe D. João (que foi D. João II) agoniado de dôr ao vêr perdido o cavalleiro leal, e logo, a honrar-lhe saudosamente a memoria, quiz passar o alto officio de seu camareiro-mór ao filho primogenito de João da Silva e de D. Branca Coutinho, a Ayres da Silva, o do tumulo n.º 3. Reuniu este, além d'esse titulo e do de «V senhor de Vagos», os de: alcaide-mór de Montemór-o-Velho, *Regedor das Justiças* (por desistencia de seu irmão D. Fernando Coutinho, bispo de Silves), embaixador a Inglaterra, cavalleiro da Jarreteira. Por esta enfiada de grandes titulos se tira já que a sua vida foi cheia de serviços e cumulada de honrarias. A sua biographia conta-se, relamente, entre as mais interessantes e movidas, n'esta serie prestigiosa dos Silvas de «S. Marcos». Ainda moço, coube-lhe ir prender em Evora o duque de Bragança (1483), que, antes d'um mez, era decapitado na praça da cidade.

Foi um dos mais destros cavalleiros nos torneios e jogos havidos lá por occasião do casamento do principe D. Affonso, a cuja morte veiu assistir em Santarem, pouco tempo depois. É elle quem recebe das mãos do «Principe Perfeito» o testamento que nomeia D. Manuel por successor á corôa portugueza. Por occasião da matança dos judeus, a 19 de abril de 1506, reprime as desordens de Lisboa. Vae a Inglaterra em missão diplomatica, sendo então armado cavalleiro da Jarreteira pelo rei Henrique VII. Como homem de armas, assignala-se na defeza e soccorro tentado a favor da fortaleza Graciosa, em plena moirama.

Morreu em 1530.

Ao *Regedor das Justiças* Ayres da Silva, pelo que ordenou e dispoz, se deve, da capella-mór: o plano geral, a parte *manuelina* (aboboda, janellas do tramo superior, tu-

mulos do lado do Evangelho) e a encommenda do retabulo central. O antigo arco cruzeiro, tambem *manuelino*, foi sacrificado mais tarde e desastrosamente substituido pelo que hoje se vê.

Para completar a indicação d'esses elementos artisticos do *terceiro periodo* devidos á influencia de Ayres da Silva, descreverei o retabulo do altar-mór. Deve este ter sido posterior em data aos elementos *manuelinos*, correspondentes talvez a 1520-1525.

Será já de 1530 esse retabulo, justificadamente attribuido pelo sr. Joaquim de Vasconcellos ao esculptor e architecto «mestre Nicolau Chatrance» — auctor do retabulo em jaspe do Paço da Pena, em Cintra.

Do friso inferior—assente no envasamento a que o altar encosta—até ao coroamento, comprehende o retabulo mór de «S. Marcos» dois corpos principaes.

Já o friso, no emtanto, nos interessa.

A entremearem com pequenos sóccos lavrados a medalhões, e que correspondem como pedestaes aos pilares do 1.° corpo, ha grupos de figuras mythologicas, baixo relevo, dispostas duas a duas, amparando nas mãos: as dos dois grupos do centro—*cartelas* simples; as dos grupos extremos, cada par seu escudo de armas—o de Ayres da Silva, do lado do Evangelho, e do lado da Epistola o de sua mulher, D. Guiomar de Castro.

O primeiro corpo, contado a partir do friso para cima, corre correspondentemente a este, dividido em quatro paineis por pilares guarnecidos de figuras inteiras e lavrados de peanhas e baldaquinos—pilares que vão rematar fazendo pé e sustentando a cornija denticulada, que sobreabeira e acompanha todo este corpo.

Cada um d'esses paineis é um verdadeiro quadro esculptura, a representar alguma scena da vida do santo invocado, certamente S. Jeronymo, ou algum episodio da chronica da ordem.

Nas attitudes, no movimento, disposição das figuras e gradação da perspectiva revela-se já a tendencia *pictorica* do auctor, tendencia luminosamente apontada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, com relação a este retabulo de «S. Marcos». O fundo d'esses quatro quadros é formado por curiosas architecturas de arcarias, porticos, varandas; sendo para notar, de uns para outros dos quadros, a disposição combinada dos sobrecéus, de «concha» simples alternando com as conchas terminadas a volutas; e tambem a diversidade dos detalhes no fecho superior.

A meio d'este primeiro corpo salienta-se o delicado tabernaculo, de caracter architectonico.

Mas o interesse capital do retabulo está no segundo corpo, erguido logo sobre a cornija do primeiro.

Compõe-se esse segundo corpo, como a gravura mostra, d'uma triplice construcção: arcada central e dois ediculos lateraes.

São communs á parte central e aos ediculos as grossas pilastras ou *pés direitos*, d'onde seguem para o alto os cunhaes do entablamento da arcada; e é das impostas das mesmas pilastras que nasce o grande arco pleno, intradorsado a caixotões, ao passo que os entablamentos dos ediculos correm, até ás extremas lateraes do retabulo, a uma meia altura da curva do arco, apoiando os avançamentos em delgados columnelos, dos quaes um perfila á frente da grande pilastra, e o outro na face do cunhal externo do ediculo.

Se o elemento commum—pilastras centraes—dá ao segundo corpo certa unidade, tal effeito ainda se accentua pela affinidade de toda a sua *modinatura*.

As differenças, essas, estão antes nos elementos de decoração e de figura. Assim os entablamentos dos ediculos são coroados de *empenas* livres e decorados d'um vaso remate no tôpo exterior; emquanto o entablamento central, ornado tambem de vasos de remate nas extremidades, ostenta—elevada n'um meio nimbo e vista entre dois anjos—a figura magestosa e suave de Deus Padre, com a mão direita erguida a abençoar e a esquerda segurando o globo.

Os triangulos superiores d'esta parte central são tomados por dois medalhões vasados — motivo decorativo tão caracteristico e nobre do Renascimento.

Nos ediculos, cujos sobrecéus apresentam decoração phantasiosa, em contraste com a *modinatura* geral, prendem-nos a attenção as figuras dos fundadores, já conhecidos, da capella-mór — Ayres da Silva e sua mulher. O cavalleiro, de joelhos, vestido de habito, é apresentado por S. Jeronymo. Está do lado do Evangelho. Do lado da Epistola, D. Guiomar, tambem de joelhos, é apresentada por S. Marcos.

Tudo quanto já temos visto representa, no emtanto, um acompanhamento, um conjuncto de elementos subordinados, como que um cortejo de motivos exaltantes. O *clou*, o motivo dominante da composição total é o drama passado a dentro do grande arco. É o lance do descimento da cruz, onde o artista revelou o seu talento dominantemente pictural — mais tocado de phantasia, no agrupamento, acção e expressão das figuras do que dotado de harmonia e equilibrio.

Dir-se-hia que n'elle—no architecto como no esculptor—se contrariavam qualidades superiores. Já, assim, o segundo corpo do retabulo—retabulo de estylos—embora de bello conjuncto—pesa em excesso sobre o corpo inferior. E a composição do descimento, tão pathetica no grupo central, e nas attitudes das suas figuras da direita, é prejudicada pelo cheio confuso do grupo da esquerda e pela execução e disposição dos ladrões crucificados.

Não deixa, comtudo, este retabulo de representar um dos trabalhos notaveis da nossa epoca de transição—Renascença. Pena é que o tenham pincelado de côres cruas. Póde ser, todavia, que isto o tenha preservado dos estragos do tempo.

Seria para applaudir uma sensata restituição.

De 1530—data do retabulo—até 1555, não parece ter havido modificação alguma na egreja de «S. Marcos».

❋

E' de 1555 a 1590 que corre o 4.° periodo da historia artistica da egreja. E' este periodo assignalado pelo tumulo de João da Silva, *VI senhor de Vagos*, e pela linda capella dos «Reis Magos»—obras que dão ainda dois aspectos e marcam, por ventura, duas phases n'este periodo indicado.

E' d'este periodo tambem o ediculo (n.° 9 de Joaquim de Vasconcellos) para onde foram trasladados de Evora os restos de Gonçalo Gomes da Silva «I senhor de Vagos».

O tumulo do VI senhor de Vagos, onde se vê o bello retabulo da Assumpção e Coroação da Virgem, foi começado por ordem do proprio João da Silva em 1555, e acabado já depois do seu enterramento em 1559, data do retabulo.

A este monumento tumular—um dos mais equilibrados e puros de todo o pantheon de «S. Marcos»—corresponde o n.° 5 da numeração de Joaquim de Vasconcellos.

Parece n'elle manifestar-se, posto que talvez indirectamente, a influencia d'uma orientação artistica italiana.

Nas linhas geraes exteriores consta d'uma construcção rectangular, formada de dois pilares, e do entablamento sobre que se ergue ainda, entre duas figuras, um pequeno ediculo de feitio classico, onde se ostenta o brazão dos Silvas.

Sob o entablamento, a tocar com o fecho a architrave, e recuado um pouco a dentro dos pilares, abre um arco pleno, de duas aduelas—das quaes a exterior, com moldura de rosas e cabeças de cherubins, nasce de columnas caneladas assentes sobre a propria arca sepulchral—appoiando-se a interior, de intradorso ornado a medalhões de flôres, em pilastras cavadas de nicho, com figura.

E' debaixo d'este arco que vemos a estatua jazente do «VI senhor de Vagos».

Na face da sepultura, como na maioria dos outros tumulos, está um epitaphio gravado n'uma longa cartela, que sustentam dois meninos em relevo.

Os pilares externos, de base e sócco rectangulares, erguem-se firmes, lavrados de leve até ao terço superior, onde sobresaem, postadas em peanhas singelas, duas figuras de apostolos.

Os capiteis, de detalhes corinthios a pouco vulto, sustentam harmonicamente o entablamento forte — de architrave simples, friso de delgados lavores, cornija denticulada, de extremos em resalto. Nos tympanos de hombreira do arco avultam, a dois terços de relevo, duas figuras allegoricas — representando talvez a opposição do dia e da noite, o contraste do somno e da vigilia, a antithese da vida e da morte...

Mas o mimo de todo este sepulchro é o retabulo da Assumpção e Coroação da Virgem — disposto a meia altura da parede do fundo sobre a parte superior da moldura em esquadria, que encaixilha uma cartela rodeada de silvas estylisadas. Compõe-se o pequeno retabulo de um corpo central e de dois nichos lateraes. Os pilares do corpo central parecem firmar-se, cima da moldura em esquadria, sobre duas misulas, que a subreforçam. Representa este corpo central um pequeno ediculo, de fórma rectangular, harmonico com todo o molde do monumento.

Enche-o quasi a figura da Virgem, cercada d'uma grinalda de anjinhos, que vão arrebatal-a.

Á semelhança d'outras figuras da Virgem esculpidas na nossa Renascença, especialisando algumas do vasto circulo artistico de Coimbra seculo XVI — esta imagem reveste um aspecto singularmente tocante.

Tem um quê de infantil e meigo na expressão, espelhando ao mesmo tempo uma impressão de precoce gravidade e de surprehendido enleio, como se a responsabilidade da missão consagrada na apotheose presente a tivesse vindo tomar quando mal desabrochára ainda para a vida, e a tivesse, de logo, tornado tão docemente firme para cumpril-a, como modesta e simples por sentir-se... divina. Por si, nada cuidaria impôr de sobrenatural; nada exigiria de culto e devoções. Não está ali por ella, embora tão bem pareça um altar. É tão humilde como o foi de certo o seu modelo vivo, que o esculptor illuminou de eternidade, ao passal-o á pedra, sem que, felizmente, o «estylo» lhe delisse o «caracter».

Jazigo d'um membro da familia Gomes da Silva, em S. Marcos — (Seculo XVI)

Os louvores em que a envolve aquella ruflada de anjos sôam-lhe como caricias cantadas; os gestos de affago tenro, ensaiados para erguel-a de leve, dão-lhe ternuras de gratidão. É como se a rodeasse um côro fremente de irmãositos queridos, a um tempo deslumbrados de vêl-a, ufanos de conduzil-a, e fraternalmente confiados na sua mocidade ainda tão proxima. Não a deslumbra em excesso, mas tambem a não deixa indifferente a corôa que dois d'elles vão a poisar-lhe na cabeça. É tudo por Elle:

«Filio non sum digna!»

Enternece-a, embora serenamente, a imposição d'essa insignia de dominio — trazida no proprio instante da ultima divinisação. O lembrar ainda outras mais imagens do tempo deixará notar certo desenvolvimento da cabeça e da fronte: dir-se-hia esta affeita, de dentro, pelo proprio pensamento do mysterio messianico, desproporcionado a tão sim-

ples e pacifica alma de rapariga. E se abrisse a bocca — para a revelação do segredo d'essa alma, candida e já presciente de graça — temos nós a certeza de que falaria portuguez.

Tão nossa é, pelo aspecto e pelo ar de ternura!

Até o pannejado das vestes só recorda um apanhado de saia humilde; embora já vá enfunando a uma brisa de destino alado; embora dois anjitos em respeito lhe tomem a fimbria. Por uma inspiração feliz o artista, inclinando-lhe um pouco a cabeça, deixou-nos esta deliciosa duvida: se será o clarão de cima que a commove e domina, atravez do vôo a erguer; ou se—emquanto levanta as mãos em ogiva, como a indicar o céu para onde se eleva em prece e a arrebatam em gloria — não serão cousas do mundo — do mundo triste e amargo — que estarão attrahindo a sua piedosa doçura, os seus olhos divinos, ainda tão humanos. Dá-nos, com effeito, a idéa de que vae ter... «saudades da Terra».

E eu cuido agora que ella não deixará sem um olhar de luz saudosa a sepultura do cavalleiro enterrado a seus pés — um dos melhores da tão escorreita linhagem dos Silvas. Que não houve homens de mais clara e valorosa alma, nem julgador de mais altas e limpas sentenças!

A vida de João da Silva, terceiro do nome e *VI senhor de Vagos*, correu de 1482 a 1557.

Setenta e cinco annos, em grande parte cheios de serviços e esmaltados de heroismos.

Era o filho primogenito de Ayres da Silva e de sua mulher D. Guiomar de Castro — os dois ediculos do altar-mór.

Chamaram a João da Silva o «Grande regedor» por motivo da sua isenta e firme administração das justiças, falada entre os homens do tempo.

Do homem de armas, do lidador da moirama, diz o sr. Joaquim de Vasconcellos:

«Os seus feitos militares passaram-se todos em Africa, onde gastou o melhor da vida. E este amor das luctas heroicas o fez talvez trocar a pacifica alcaidaria de Montemór-o-Velho, nos ferteis campos do Mondego, por identico cargo em Lagos, no Algarve, onde tinha o mouro á vista e á mão da lança.»

Entre 1498, anno em que acompanhou o rei D. Manuel e a rainha D. Izabel a Castella, onde foram jurados principes herdeiros, e o anno de 1557, data da sua morte, poderemos contar-lhe oito de guerras e cavallarias pelas terras de Africa. Ao fim d'estes oito annos, corridos de 1510 a 1518, voltava a Portugal, assistindo, em 1521, á morte de D. Manuel, que o tivera sempre entre os fidalgos seus mais validos.

Foi D. João III quem lhe deu, em 1522, o cargo de «Regedor das Justiças», pela renuncia de Ayres da Silva a favor do filho. João da Silva manteve este cargo até á morte.

Teve mais os titulos de alcaide-mór de Montemór-o-Velho e de Lagos e commendador de Messejana, na ordem de S. Thiago.

Junto do seu tumulo abre a porta da sacristia—porta simples, que menciono por ser tambem de estylo Renascença, da mesma phase. E' coroada por uma concha, erguida entre duas volutas onde, como em phylateros, se lê o nome «Joam da Silva». Na intercepção dos volutas, sobre o fecho da concha, levanta-se um pequeno escudo dos Silvas.

◉

A' segunda phase do 4.° periodo, phase talvez de influencia flamenga atravez da França—corresponde a capella dos «Reis Magos».

Diz o sr. Joaquim de Vasconcellos, auctoridade nunca de mais invocada no assumpto, que esta capella dos «Reis Magos» é uma das mais bellas, se não a mais bella creação da Renascença em Portugal. Não transcrevo aqui palavras do erudito critico, porque prefiro sempre dar as minhas impressões, embora mais d'uma vez possa adoptar observações suas.

A pequena capella realisa, com effeito, uma perfeita alliança de robustez e graça intelligente, affirmando assim o caracter dominante da arte da Renascença.

Dá logo, a quem a contempla, essa consoladora impressão de solução integral, que é a mais bella victoria da

Tumulo de João da Silva, «general del Ampurdan»—Seculo XVI

obra d'arte, pois significa que cada parte e detalhe não são senão uma derivação logica do plano geral, o desenvolvimento natural d'uma fórmula viva, a expansão normal e florescente d'uma idéa typica.

Encanta-nos e satisfaz-nos, porque, traduzindo proporção, possibilidade organica, interdependencia vital, revela-se, a um tempo, como resultante de effeitos e como condição e meio para determinado fim.

E afigura-se-me que a caracteristica geral da arte, em frente da natureza, estará exactamente n'esta revelação de finalidade emocional atravez das condições organicas—ao passo que a vida só nos apparece sob o aspecto dos resultantes.

«Manifestar concentrando», na phrase de Taine, não será revelar o intuito final, por sua vez principio e nó da obra produzida?

Da capella dos «Reis Magos» tiramos, em verdade, a lição d'uma d'essas producções fundamentalmente artisticas sob tres principaes aspectos da obra d'arte realisada: a) revelações do intuito dominante; b) dependencia e conjugação esthetica das partes componentes; c) sentido significativo dos detalhes e elementos decorativos, de forma organica ou inertes.

a) Manifesta logo a concentrada e adductiva subordinação de todas as partes e elementos organicos ao fim principal, mantido em vista: a sustentação da cupula.

Isto, leve e facilmente, como a provar a lei do menor esforço, soberana na arte como no mais. Logo, realmente, se comprehende o papel de apoio e distribuição de energia que desempenham os arcos—o arco aberto da entrada e os outros tres, cavados nas tres paredes da capella quadrada.

Dão elles, conjunctamente com os pendiculos triangulares, visivel pé á base circular da cupula erguida.

b)—A dependencia e conjugação esthetica das partes componentes torna-se evidente: 1.° comparando com o interior a magnifica portada; 2.° comparando, entre elles proprios, os elementos d'esta. 1.° O grande arco da portada corresponde em forma, estylo e decoração aos tres outros arcos menores do interior da capella, que abrigam: o da frente, o altar, onde outr'ora estava o retabulo esculpido dos «Reis Magos»; os dos lados, cada um seu tumulo com estatuas jacentes. A columna corinthia que, ao lado do pilar interior da mesma portada—e disposta no angulo d'este com o exterior—ajuda a sustentar a imposta do grande arco, só nas maiores dimensões differe das que, acompanhando tambem pequenos pilares supportam o arco do retabulo e os dos ediculos tumulares. Assemelham-se na forma e na decoração, concorrendo, dada a esthetica dominante d'este estylo, para a harmonia da apparencia, em concordancia com a harmonia organica da construcção. 2.° A portada em arco, vista não só n'esta sua correspondencia com a altura da capella, mas nos seus elementos proprios, accentua-nos a impressão d'aquella dependencia esthetica—consequente da ponderação e equilibrio constructivo. Nasce essa impressão logo da combinada disposição dos dois pilares—o exterior e o do intradorso—pilares cujo angulo, a partir das bases, dá, como vimos, abrigo á esbelta columna corinthia, e cuja imposta é toda uma, quebrando em esquadria. Mas ha mais: emquanto da parte interior d'esta imposta nasce a curva do arco, a parte exterior dá pé ao sócco d'uma columna que sobe a sustentar o entablamento commum, o elemento dominador de toda a soberba entrada. E nada mais feliz do que a idéa d'essa disposição exterior da portada—a sobreposição dos dois typos de supportes do entablamento—sobreposição em que aquella imposta nua representa tão importante papel—organico e esthetico! Resolveu o problema da altura exigida pelo interior da capella, evitando ao mesmo tempo a linha de extensão perpendicular excessiva, que um só e mesmo supporte, ou uma só ordem, não podiam deixar de offerecer.

N'esta portada devemos ainda notar, a animarem-lhe os angulos superiores, os admiraveis bustos dos dois apostolos «S. Pedro» e «S. Paulo».

c) Os detalhes e elementos decorativos da capella dos «Reis Magos», que tanto concorrem tambem para a harmonia da construcção, podem dividir-se em dois grupos, por commodidade do seu estudo: são uns *vivos*, isto é, formas organicas; outros *inertes*, ou materiaes.

Dos primeiros, distinguiremos ainda, segundo a sua funcção ou destino: as carrancas e cabeças grotescas que parecem contribuir, como fundos de misulas, ornamentos de modilhões e *agrafes* para a *utilidade* directa da obra; e as cabecinhas de cherubins, dispostas pelas molduras dos arcos, frisos das impostas, caixotões dos pendiculos, que enchem de graça alada, banhados n'uma luz aerea e branda, todo o ambiente da capella, como pondo este a estremecer ainda de vida por sobre os tumulos d'aquelles mortos sempre lembrados.

Dos elementos *inertes* direi tambem que contribuem para a impressão de unidade e harmonia sempre ali sustentada, tão profusamente communicados andam entre as diversas partes da capella, pelas bases dos pilares, no terço inferior dos fustes, nas divisões da cupula e intradorsos dos arcos, nas paredes dos ediculos, nas molduras dos arcos.

Por toda a capella, embora distribuidos com sobria e justa medida, se encontram—d'esses elementos inertes ou caprichosas formas artificialisadas—as decorações caracteristicas da Renascença em geral: columnelos phantasiosos, estylisações de formas decepadas, hastes floridas, medalhões, cartelas, tropheus de fructos, lavores em cabochão, bosselagens; e, nos ediculos dos tumulos—os imitados entrelaçamentos de correame, as transposições em pedra das cortadas e reviradas molduras de coiro, reconheciveis na decoração Renascença das Flandres.

E comtudo, tão artistica e equilibradamente se combinam, insisto, as partes fundamentaes e os detalhes n'esta linda capella—que é toda de nobre simplicidade a emoção despertada. Ao mesmo tempo que reconhecemos ser um tal *pantheon* bem apropriado ao repouso dos senhores que encerra, e cujas estatuas parecem orar em rythmo com o hymno voejante dos cherubins.

No tumulo do lado do Evangelho (n.° 6 de Joaquim de Vasconcellos) está Diogo da Silva—filho primogenito do «Grande Regedor» João da Silva e de sua mulher D. Joanna de Castro.

Foi Diogo da Silva embaixador ao Concilio de Trento, em 1551. Acompanharam-no o doutor Diogo de Gouvêa, theologo, João Paes, doutor em direito romano e canonico, e Diogo Mendes de Vasconcellos, doutor em canones.

Diogo da Silva não figura com numero na casa de Vagos, por ter morrido antes do pae—*VI senhor de Vagos*, como sabemos.

Além do titulo de embaixador ao Concilio de Trento, teve Diogo da Silva o de alcaide-mór de Lagos, e de commendador da Messejana, na ordem de S. Thiago.

Morreu em 1556, com 45 annos. Foi casado com D. Antonia de Vilhena, das casas de Alvito e da Sortelha, que repousa a seu lado.

A esta senhora, dotada de altas virtudes, se deve a edificação da capella dos «Reis Magos», onde, em frente do tumulo do marido, e seu, e portanto ao lado da Epistola, se encontra o de seu filho primogenito—Lourenço da Silva, *VII senhor de Vagos*, e «Regedor da Justiça» por herança de seu avô. Este tumulo é o n.° 7 de Joaquim de Vasconcellos.

Lourenço da Silva, como seu pae, foi alcaide-mór de Lagos e commendador da Messejana. Morreu bravamente em Alcacer-Kibir, combatendo ao lado de D. Sebastião.

Lá ficaram tambem, na batalha fatal, mais cinco irmãos seus! (cinco—segundo o sr. Joaquim de Vasconcellos; tres—segundo Moreri).

Mandára-os partir com o moço-rei a propria mãe d'elles—essa heroica D. Antonia de Vilhena, que depois, de

dolorosa e fiel, e por não querer mais tomar novo marido —apesar de nova e cobiçada—mereceu á gente do tempo o cognome sisudo e bello de «Viuva da Observancia».

Se D. Brites de Menezes—a *fundadora*—se impõe pela piedade e pelo tino—como generosa doadora e como conselheira de reis; se D. Maria de Vilhena—a esposa de Fernão Telles de Menezes—representa tocantemente a mulher que ama, na mais viva e pura affirmação—D. Antonia de Vilhena, completando com ellas um trio de admiraveis figuras femininas, n'esta galeria de «S. Marcos», excede-as ainda, porque encarnou em si o que o heroismo e a dôr encerram de mais alto e nobre.

Pertence ainda ao 4.º periodo o ediculo (n.º 9 de Joaquim de Vasconcellos) para onde foram trasladados de Evora, em 1572 — por diligencia de Lourenço da Silva — os restos do «*I senhor de Vagos*, Gonçalo Gomes da Silva, morto em 1386.

É um ediculo Renascença, simples, onde se vê um lindo cofre de pedra Ançã, nevada e fragil, que contém os ossos do cavalleiro.

O pulpito da egreja é tambem do 4.º periodo, que fecha, a bem dizer, com o seculo XVI.

O 5.º periodo comprehende obras feitas sobretudo na segunda metade do seculo XVII.

É d'este periodo o tumulo singelo do 2.º conde de Aveiras — Luiz da Silva Tello. (Figura com o n.º 4, Joaquim Vasconcellos). É o primeiro do lado da Epistola na capella-mór.

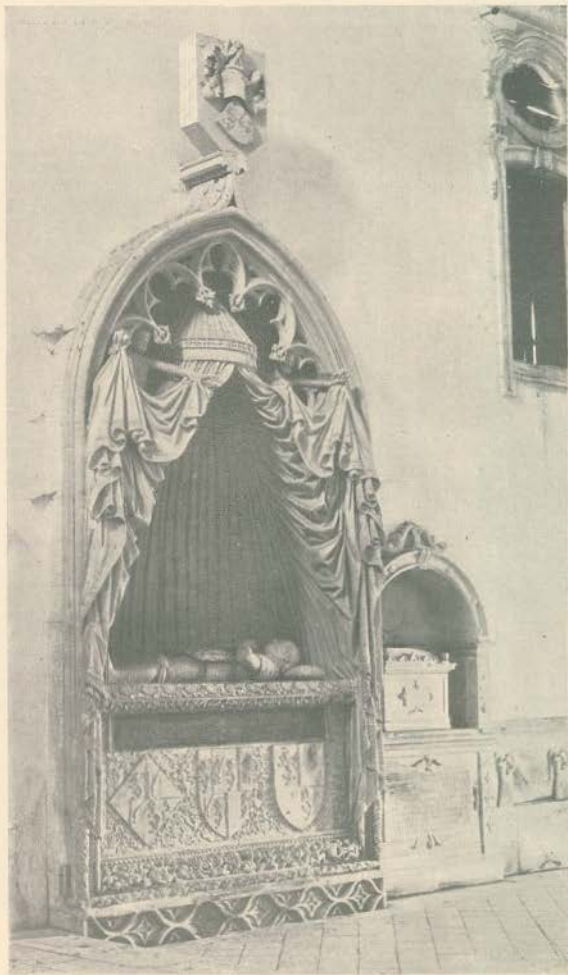
O 2.º conde de Aveiras foi *XII senhor de Vagos*, tendo, além d'estes, os titulos seguintes: Alcaide-mór de Lagos, «Regedor das Justiças», commendador de Arouca, na ordem de Christo, gentil homem da camara de D. Pedro II.

Expliquemos.

Por morte de Lourenço da Silva—o de Alcacer-Kibir—foi seu filho Diogo da Silva o *VIII senhor de Vagos*.

Succedeu a este Diogo da Silva o primogenito do seu primeiro casamento—Lourenço da Silva—a quem coube o titulo de *IX senhor de Vagos*.

Mas o filho d'este ultimo, a quem coube a representação da casa com o titulo de *X senhor de Vagos*, seguiu o partido de Castella depois de 1640.

Por este facto, acabou n'elle a linha primogenita da casa de *Vagos*, passando o senhorio para seu tio João da Silva Tello de Menezes, 1.º conde de Aveiras, filho do segundo casamento do *VIII senhor de Vagos* com a herdeira de Aveiras.

Mosteiro de S. Marcos—Retabulo da egreja—(Seculo XVI)

Mosteiro de S. Marcos- Retabulo da egreja—[Seculo XVI]

Cruzeiro da villa de S. Marcos [Seculo XVIII]

Assim veiu o 1.º conde de Aveiras a ser o *XI senhor de Vagos.*

O tumulo n.º 4 é do filho d'este.

Afóra este tumulo, de muito singela factura, o 5.º periodo é representado pelas mais desastrosas obras: alteamento na nave e substituição do arco-cruzeiro manoelino pelo actual.

O sexto periodo corresponde já ao seculo XVIII, que abriu na egreja, insensatamente, algumas portas e janellas, construiu a fachada existente e delineou o adro, vasto e nobre.

Antes de encerrar este estudo, devo esclarecer um ponto. Refiro-me ao facto de estarem encerrados em tumulos mais modernos personagens de geração anterior á dos que foram enterrados em tumulos de epoca e estylo mais antigo. Explica-se o facto pelas trasladações realisadas — algumas passado muito tempo — por diligencia piedosa dos descendentes.

N'este trabalho, direi ainda, tratei apenas das figuras historicas que foram encerradas em tumulos monumentaes, e cuja memoria ficou, assim, ligada a verdadeiras obras d'arte do templo de «S. Marcos».

Não foi meu intento referir-me a outras sepulturas, ás campas razas da egreja e ás que possam encontrar-se ainda nas ruinas do mosteiro. Na planta, como se vê, estão indicadas todas as campas. Das ruinas do convento nada se poderá vêr emquanto se não proceda a trabalhos de exploração, miuda e methodicamente seguidos. Seriam estes de real vantagem para a propria egreja, onde, além d'outros trabalhos, seria para desejar a restituição do retabulo mór á côr primitiva e a reposição do dos «Reis Magos», se ainda existir, embora mutilado.

Não devemos desesperar de vêr ainda um dia satisfeitos estes justos desejos, assim como de vêr de novo vedada por grades a *galilé* e protegida, assim, a porta da entrada. Confiemos na boa vontade do actual proprietario de «S. Marcos», o sr. Manuel Cabral de Moura Coutinho de Vilhena, que no seu solar de S. Silvestre possue, segundo me dizem, preciosidades d'arte e de mobiliario.

Pudesse este modesto trabalho concorrer para avivarem todos o interesse pelo bello Pantheon dos Silvas!

Coimbra.

MANUEL DA SILVA GAYO.

Fachada da egreja de S. Marcos

CONTINUADO DO N.º 24

A *lucta livre* é, como o seu nome indica, completamente isenta de convenções. É a absoluta expressão do espirito de combatividade natural do homem. Nasceu com este, mas soffreu depois transformações, tendentes a difficultal-a e convertel-a n'um exercicio de força e de dextreza. É por isto que se convencionou chamar-lhe *lucta mãe*. Foi ella que deu origem ás differentes maneiras de luctar adequadas aos costumes e tendencias de cada paiz.

A *lucta do calção*, tambem chamada *lucta suissa*, constitue um exercicio dos mais pittorescos a que se entregam os pastores e gymnastas suissos, em grandes certamens ou concursos, onde combatem tendo unicamente em mira a gloria de fazerem triumphar as côres do seu respectivo cantão. Dominados por inexcedivel amor proprio, os luctadores, ao approximar-se uma d'essas provas, entreinam-se durante longas semanas, com o maior ardor e o mais vivo desejo de alcançarem a ambicionada victoria.

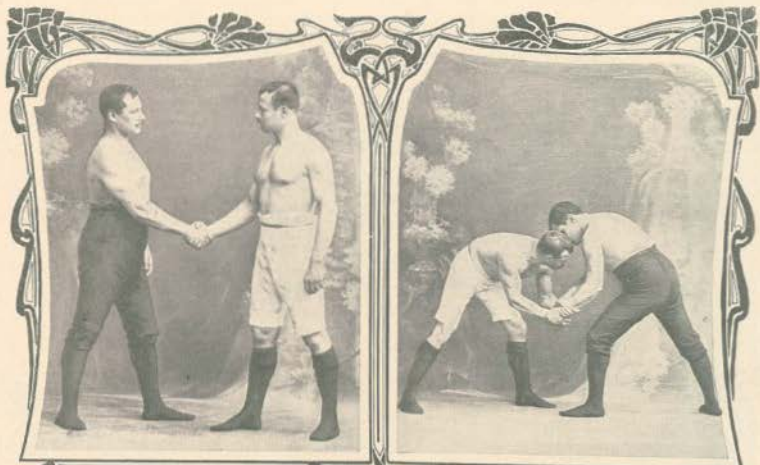
A *lucta do calção* é sobretudo um exercicio de força. Os dois adversarios apresentam-se em face um do outro, envergando uns calções de panno grosso, que fazem lembrar, pela fórma, os dos corredores pedestrianistas, e que apresentam, tanto na cintura como nas duas extremidades inferiores, uma dobra em fórma de rôlo, susceptivel de offerecer solida prisão. Em cada assalto deve o luctador agarrar o adversario pela cintura com uma das mãos, e com a outra por uma das pernas. Postos assim em guarda, frente a frente, cada um d'elles procura erguer no ar o adversario para o lançar em seguida violentamente a terra. As prisões e os enlaçamentos de pernas são permittidos, tal qual como na lucta livre. Para que um dos luctadores fique victorioso não é preciso que as duas espaduas do adversario toquem no chão; basta simplesmente que elle seja derrubado, não tendo o pastor ou gymnasta helvetico a delicada precaução, obrigatoria na lucta franceza, de o acompanhar a terra, para assim attenuar os effeitos da queda.

Os indios tambem, como os suissos, praticam a lucta, atacando-se com o fim unico de se derrubarem. Admittem as prisões e enlaçamentos de pernas, e muitas vezes até as torções de dedos empregam. Seguindo o preceito inglez, bastante expressivo, *catch as catch can*, que quer dizer *agarra como puderes*, pouco lhes importa torcer ou quebrar um braço ao adversario, ou fincar-lhe no rosto, vigorosamente, a mão crispada, pois tudo se resume apenas em vencer.

Na Turquia a lucta que está em uso approxima-se mais de um pugilato que de um *sport*. E' a lucta livre, em que unicamente predomina a força, e cujo principio fundamental consiste na absoluta ausencia de escrupulos. O essencial é que um dos adversarios se dê por vencido, sendo permittido, para conseguir esse resultado, recorrer aos expedientes mais condemnaveis e brutaes.

Mas, além da lucta livre, praticam tambem os turcos um outro genero de lucta, denominado *lucta turca*, e que deriva da primeira, com a differença, porém, de que, como o pastor suisso, o turco difficulta a sujeição das prisões com o uso de uns grossos calções de couro. Tal qual como na lucta livre e na lucta do calção, na lucta turca o combate pouco tempo dura. Assim que uma prisão de perna, ou qualquer outra capaz de fazer perder rapidamente o equilibrio, leva a terra um dos adversarios, o combate torna-se curioso, por se confundirem e envolverem os braços e as pernas dos adversarios de modo tal que é difficil reconhecer qual d'elles leva a melhor. O traje do luctador turco consta de um grosso calção de couro bem seguro na cinta e descendo até aos joelhos, sendo este calção todo untado de oleo assim como o busto do combatente. Torna-se, portanto difficilimo, n'esta superficie escorregadia, manter uma prisão. E' deveras caracteristica a saudação que precede cada lucta. Os dois antagonistas avançam dando saltos e batendo nas côxas com ambas as mãos; dobram depois um dos joelhos em terra e simulam levar ao rosto um pouco da areia que pisam e por ultimo dirigem-se para uma especie de ôdre que contem o oleo destinado a ungirem o corpo. O luctador turco é actualmente considerado, com razão ou sem ella, como o melhor luctador do mundo.

Na America do Norte a lucta livre foi sempre praticada, mas tendo preferencia o systema indiano, *catch as catch can*: agarra como puderes. E' usada n'ella uma certa torção de dedos qualificada de *americana*, mas que se encontra tambem na lucta dos indios e cujo fim é obrigar o adversario a ceder por effeito da dôr. Os luctadores americanos são pouco numerosos e a sua reputação muito restricta.

A *lucta japoneza* é uma variedade da lucta livre, e consta de processos destinados a anniquilar pela dextreza, e sobretudo por grandes conhecimentos anatomicos, o mais vigoroso adversario. Conhecida pelo nome de *jiu-jitzu*, está sendo actualmente muito apreciada em differentes paizes

1
A saudação

2
A guarda

3
1.º tempo da cintura pela frente

4
2.º tempo da cintura pela frente

5
3.º tempo da cintura pela frente

6
1.ª defeza da cintura pela frente

7
2.ª defeza da cintura pela frente

da Europa, por constituir um dos mais valiosos systemas de defeza individual.

Para fecho d'esta resenha guardámos propositadamente a *lucta franceza*, tambem chamada *lucta greco romana*, mas impropriamente, pois todos os golpes e prisões que a constituem foram inventados por athletas francezes, sendo portanto de justiça dar-lhe o nome a que realmente tem direito.

A lucta franceza é sem duvida um bello exercicio, que, pelas nobres e viris attitudes que exige, se presta admiravelmente a pôr em relevo a anatomia do homem. A sua pratica tem a confiança nas proprias forças e uma grande energia moral que provem do habito de encarar um homem frente a frente e resistir-lhe.

(Continúa.)

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

SIMPLEX

32, RUA DE SANTO ANTÃO, 34

Discos e machinas falantes

BICYCLETTES

Chegou nova remessa marca **LINON** continuamos a vender pelo modico preço 28$000 esta bicyclette já está muito conhecida e acreditada e são de roda livre. Pneumaticos 2$000 e 2$500, camaras d'ar a 1$300 e 1$700, descontos aos revendedores. O maior deposito de bicyclettes em Portugal. J. Castello Branco, rua do Soccorro, 48.

SIMPLEX

Praça dos Remolares, 41 1.º

Excursão de Lisboa e Porto a Paris e Londres

O programma e as informações são dados no largo Camões, 19, 1.º (Rocio).

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e peniigney d'A

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital 200:000$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Prazo Fixo, Combinados e Supervivencia, com participação ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.
Para informações e tarifas dirigir-se á séde:

Praça do Duque da Terceira, 11, 1.º

LISBOA

Telephone 1:671

Endereço telegraphico «LANOICAN»

"Illustração Portugueza"

Tiragem para Portugal 15:000 exemplares

PREÇO AVULSO 100 REIS

Nos seus 23 numeros até hoje publicados, a «Illustração Portugueza» inseriu **em 736 paginas de texto, 1:642 gravuras e 122 artigos** sobre historia, litteratura, theatro, usos e costumes portuguezes, arte, politica, genealogia, architectura, archeologia e sport, representando a materia de 5 volumes em 8.º de 250 paginas cada um. No pequeno espaço de seis mezes, o assignante da «Illustração Portugueza» **adquiriu por um preço modico uma obra volumosa, com mais de 1:500 gravuras,** de uma leitura variada e interessantissima.

Fiel ao seu programma, a «Illustração Portugueza» tornou-se o mais rico repositorio dos factos sociaes, politicos, artisticos, litterarios e mundanos para o exacto e perfeito conhecimento da nossa historia actual e retrospectiva, em todos os complexós aspectos da actividade humana, **verdadeiro diccionario illustrado da vida portugueza,** como lhe chamou um dos nossos mais notaveis escriptores.

Agitando sob uma fórma litteraria e impressiva questões do mais alto interesse geral, como a da crise duriense no notavel artigo **«O Douro da Crise e da Fome»**, como a da mobilisação militar nos discutidissimos artigos **«Se rebentasse a guerra com Hespanha»,** como a dos melhoramentos de Lisboa nos sensacionaes artigos **«Lisboa no anno 2000;»** abrindo e promovendo concursos da mais completa originalidade, como o da **«Terra de mais lindas mulheres de Portugal»**; acompanhando dia a dia os grandes acontecimentos; versando pela penna auctorisada dos especialistas e escriptores illustres os mais palpitantes problemas, a «Illustração Portugueza» logrou, logo no seu inicio, vêr coroados de exito os esforços dos seus iniciadores e dirigentes, obtendo a mais vasta publicidade que jámais attingiu no nosso meio uma revista de litteratura e de arte.

Prestando-se pelo seu diminuto preço, pela commodidade das suas dimensões e volume, a ser, não só o magazine que se colecciona, mas a revista que se compra na tabacaria ou no meio da rua, no americano ou na *gare*, para folhear e ler durante uma viagem, a «Illustração Portugueza» procura quanto possivel interessar toda a especie de leitores pela diversidade dos assumptos, novidade de informações e profusão das gravuras, como o demonstram os

Titulos de alguns dos artigos publicados nos primeiros 23 numeros da

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Lisboa no anno 2000—O Libello do Cardeal Diabo—Se rebentasse a guerra com Hespanha...—Quem era o pae de D. Miguel?—A baixella franceza da côrte de Portugal—S. Carlos de outros tempos—As tricanas de Coimbra—O conselheiro João Arroyo compositor—O Espiritismo em Portugal—As origens do Carnaval—A Casa do Silencio—As maravilhosas Grutas de Vimioso—Como se namorava em Portugal no seculo XVIII—Uma grande cantora portugueza—A sombra de Frei Luiz de Sousa—A Torre de Pedro Docem—A vida dos marinheiros do Alto-Douro—Como vive e de que vive o lavrador do Minho—Sua Magestade o vinho do Porto—O Douro da Crise e da Fome—A Arte de Picar Touros em Portugal—Como se fórma a aureola de uma santa—Elogio da criada de servir—Um pintor portuguez preso em Constantinopla—A primeira do «Barba Azul» em 1868—Na côrte de Affonso XIII—Dois retratos ineditos de D. João VI—Os nossos actores—Os tormentos da Inquisição em Portugal—Espadas e espadachins—Em volta da estatua equestre—Os saloios—Como a realeza punia o regicidio—O delirio da unificação iberica—Como se penteavam as elegantes das Larangeiras—Os registros e bentinhos dos conventos velhos—Meio seculo de vida coimbrã—Typos das ruas de Lisboa em 1840—Uma Bastilha da Nobreza, etc., etc.

Leiam a "Illustração Portugueza" — Preço 100 réis

Publicação semanal illustrada, saindo regularmente

ÁS SEGUNDAS-FEIRAS